



**Instituto Superior de Psicologia Aplicada**

# Identificação ao Paterno nos Pedófilos

Andreia Filipa Ribeiro Mendes

Orientadora da Dissertação:  
PROF. <sup>a</sup> DOUTORA MARIA EMILIA MARQUES

Coordenadora do Seminário de Dissertação:  
PROF. <sup>a</sup> DOUTORA MARIA EMILIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:  
Mestre em Psicologia  
Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 e Setembro de 2006.

***Agradecimentos:***

À Profª. Doutora Maria Emília Marques pela orientação,  
e pela partilha enriquecedora de conhecimento.

Ao Professor José Pereira da Silva pelos ensinamentos.

Às amigas de Lisboa nomeadamente à Fe, pela apoio ao  
longo dos anos.

Às amigas das Caldas por me receberem sempre com um  
sorriso.

Às pessoas da minha família por acreditarem.

Aos meus pais e irmão, por compreenderem a importância  
que esta caminhada teve para mim e pela força e apoio  
constante que me deram.

Ao menino por estar sempre a meu lado.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objectivo estudar a identificação ao paterno e os processos a ela inerentes. Nomeadamente a fusão com a figura materna, a ausência da figura paterna, a não diferenciação de sexos e de gerações, e a ausência da angústia de castração. Como base do presente estudo partimos das noções de perversão, para abordarmos a pedofilia enquanto tal, apesar de alguns autores não a considerarem como perversão. Verificamos depois as várias noções de identificação mais especificamente ao que se refere ao pai e à sua importância no desenvolvimento dos indivíduos, e por último cruzamos todas as ideias e teorias para conceptualizarmos a identificação ao paterno. Como forma de podermos responder aos objectivos a que nos propusemos recorreremos ao instrumento Rorschach, enquanto método e técnica. Em que através das qualidades perceptivas da mancha, podemos estabelecer as qualidades psíquicas que, por sua vez, foram alvo de análise. Efectuamos o estudo de dois protocolos, de dois homens reclusos à data da sua recolha, condenados por crime de pedofilia. Os quais nos permitiram aceder aos seus processos de identificação, mais especificamente identificação ao paterno. Nestes protocolos verificamos que, pelo facto do Édipo não ser devidamente resolvido, ou até mesmo não existir, observa-se a preeminência da fusão com a figura materna. A angústia de castração não está assim presente, o que os impossibilita de efectuar a diferenciação de sexos, e de gerações. Devido a todos estes factores, foi-nos permitido verificar que estes sujeitos ou não efectuem uma identificação ao paterno, ou caso exista, esta identificação não ocorre de forma adequada.

**Palavras-chave:** *Pedofilia, Identificação, Pai*

## ABSTRACT

O presente trabalho tem como objectivo estudar a identificação ao paterno e os processos a ela inerentes. This research study aims to identify the father and processes inherent to it.. In particular, the merger with the mother, the absence of the father, the non-differentiation or gender or generation, and the absence of castration anxiety. As the basis of this study based on notions of perversion, for addressing child abuse as such, although some authors do not consider it as perversion. We found after an assortment concepts to identify more specifically referred to the father and his importance in the development of individuals, and finally cross all the ideas and theories to conceptualise the paternal identification. In order to be able to meet the objectives we set ourselves to use the instrument Rorschach as a method and technique.. In that through perceptual qualities of the stain, we can establish the psychological qualities which, in turn, are being analyzed. We carry out the study of two protocols, two men incarcerated at the time of collection, convicted of the crime of pedophilia.. Which allowed us access to their identification processes, more specifically identify the father. In these protocols we found that, because of Oedipus is not properly addressed, or even not exist, there is the preeminence of the merger with the mother. Castration anxiety is not so present, that makes it impossible to carry out the differentiation of sexes and generations. Because of all these factors, we were allowed to check these individuals out or not an identification with paternal, or if available, this identification does not occur properly.

**Palavras-chave:** *Pedofilia, Identificação, Pai* **Keywords:** *Pedophilia, Identification, Father*

# Índice

Introdução -----	1
1. Pedofilia e Identificação -----	3
1.1 Pedofilia uma perversão -----	3
1.2. Identificação -----	14
1.3. Identificação (ou a falta dela) nos pedófilos -----	23
2. Objectivos -----	27
3. Modelo de Estudo -----	29
4. O Método Rorschach -----	32
5. Procedimentos de Análise -----	34
6. Sujeitos -----	38
7. Análise dos Protocolos Rorschach -----	39
7.1. Carlos: Protocolos e Análises -----	39
7.1.1. Análise Cartão a Cartão Rorschach Carlos -----	39
7.1.2. Análise Psicograma Carlos -----	45
7.1.3. Síntese das análises-----	46
7.2. José: Protocolos e Análises -----	47
7.2.1. Análise Cartão a Cartão Rorschach José -----	47
7.2.3. Análise Psicograma José -----	51
7.2.4. Síntese das análises-----	52

8. Discussão -----	53
9. Conclusão -----	57

## **Índice de Figuras:**

Figura 1 Tabela dos Objectos Inteiros e Objectos fragmentados do Carlos -- 43

Figura 2 Tabela dos Objectos Inteiros e Objectos fragmentados do José ----- 49

## Índice de Anexos

Anexo 1 – Protocolo Rorschach Carlos ----- 65

Anexo 2 – Psicograma Carlos ----- 71

Anexo 3 – Protocolo Rorschach José ----- 73

Anexo 4 – Psicograma José ----- 76

## ***Introdução***

*“Não se trata de inteligência social mas de manha anti-social. A prova é que sistematicamente culpabilizam a vítima, impõem segredo, domesticam o menor, ameaçam com represálias, compram os seus favores” (Coimbra de Matos, 2007) .*

Da revisão da literatura acerca da pedofilia constatamos que seria importante perceber o que se entende por normal no que diz respeito à sexualidade. Para percebermos o que não é considerado como “normalidade sexual”. Verificamos que se considera como normal quando o casal está de acordo com o que é feito entre eles, sem carácter destrutivo para qualquer dos indivíduos. A perversão é descrita de uma forma muito simplificada como um desvio ao acto sexual “normal”, dizendo-se que esta existe quando o orgasmo é obtido com outros objectos sexuais, ou noutras regiões do corpo. Logo este comportamento não é contemplado no que se define como “normalidade sexual”.

Existem autores que consideram a pedofilia como uma perversão. Na pedofilia estão presentes atitudes diferentes das permitidas pela sociedade em que a preferência sexual “desviada” para as crianças se torna exclusiva. O pedófilo é normalmente descrito como sendo maioritariamente do sexo masculino (e muitas vezes familiar: pai, padrasto, irmão, avô, etc.) que se sente atraído por crianças. Limitando-se por vezes a observa-la, a despi-la, e exibindo-se a si próprio. Estes indivíduos recusam reconhecer a diferença de sexos e de gerações.

Verifica-se também uma dificuldade ou até mesmo uma ausência de identificações secundárias que estão intimamente ligadas com a não resolução ou ausência do Complexo de Édipo, devido à simbiose existente com a figura materna. Observando-se uma preeminência de uma imago materna fálica e do pai um prolongamento desta

Verificou-se, que a literatura aborda apenas o materno no pedófilo, não havendo qualquer referência ao pai. Descrevendo a imagem deste como sendo apenas o prolongamento da figura materna. Conceptualizamos como objectivo do nosso estudo a identificação ao paterno nos pedófilos. Como forma de conhecer melhor estes indivíduos, através do Rorschach caminharemos no sentido de verificarmos **Identidade e a Identificação**, a forma como o sujeito percepção o **Masculino e o Feminino**, bem como a existência ou não da **Angustia de Castração** e a modo como o sujeito percepção a **Representação da autonomia ou**

**dependência da relação.** Para que possamos conhecer melhor os homens que cometem este crime, e o seu meio envolvente.

## **1. Pedofilia e Identificação**

### ***1.1. Pedofilia, uma perversão***

Para se definir o que não é considerado como normalidade sexual, é importante perceber o que se entende como “normal”, tendo em conta que o que se entende por normal varia, não só relativamente ao tempo cronológico em questão, como também ao espaço onde nos encontramos. Define-se como normalidade sexual, a sexualidade compartilhada pelo casal, quando ambos estão de acordo com o que é feito, sem carácter destrutivo para o indivíduo ou para o parceiro e sem afrontar regras comuns da sociedade em que vive (Abreu, 2005). Um dos comportamentos que não é considerado como sendo normal na sexualidade humana é a pedofilia (Haesevoets, 2003). Neste caso há atitudes sexuais diferentes daquelas permitidas pela sociedade, em que as pessoas que as praticam não têm actividade sexual normal, ou seja, a sua preferência sexual “desviada” torna-se exclusiva. (Abreu, 2005). Assim, na perversão, os meios transformam-se em fins, de forma repetitiva, configurando um padrão de conduta rígida, o qual, na maioria das vezes, acaba por se transformar numa compulsão opressiva que impede outras alternativas sexuais (Abreu, 2005).

Nas suas grandes linhas, a personalidade perversa caracteriza-se por uma tendência constante de manipulação dos outros, de transgressão das leis, de ultrapassar os limites e de intolerância à frustração (Haesevoets, 2003).

Segundo Laplanche e Pontalis (1967, 1970) perversão é um desvio ao acto sexual “normal”, definido como coito, com uma pessoa do sexo oposto, visando obter orgasmo por meio de penetração genital. Diz-se haver perversão quando o orgasmo é alcançado com outros objectos sexuais, ou em outras regiões do corpo, ou quando o orgasmo é subordinado exclusivamente a certas condições extrínsecas que por si só contribuem para o prazer sexual (Kernberg, 1945).

O perverso explora as fraquezas do outro, abusa das regras para seu próprio proveito e sem se expor demasiado. Fala muito, tenta convencer o outro dos seus belos direitos, discute de uma forma prodigiosa com a finalidade de ter a última palavra, volta os argumentos para sua vantagem, utilizando ”má fé”, sem mostrar vergonha (Haesevoets, 2003).

O termo parafilia é actualmente utilizado para os transtornos da sexualidade, anteriormente referidas como “perversões sexuais”, denominação ainda usada no meio jurídico.

Para se estabelecer uma parafília está implícito o reconhecimento daquilo que é normal, para em seguida se detectar o que estaria ao lado do que é convencional ou normal.

Se tivéssemos que estabelecer um perfil esquemático das teorias psicanalíticas da perversão poderíamos distinguir três grupos de formulação. A primeira, basicamente correspondendo às concepções originais de Freud (1927, 1940<sup>a</sup>, 1940b citado por Kernberg, 1945) que define perversão como sendo um desvio permanente e obrigatório da normalidade no objectivo e /ou objecto sexual, indispensável para obter orgasmo (Kernberg, 1945). Freud (1905 citado por Haesevoets, 2003) refere que a predisposição para as perversões é a predisposição original e universal do impulso sexual. Todos os desvios de instinto sexual, relativamente ao seu objectivo, ao seu objecto, ou ao seu mundo de expressão libidinal, num conjunto de condutas particulares que transgride voluntariamente a lei, com espírito de destruição, de prazer egocêntrico, e de procura do mal pelo mal (Haesevoets, 2003). De acordo com essa teoria, uma pulsão sexual infantil componente (ou parcial), anal, oral, etc., funciona como uma defesa contra um conflito neurótico subjacente, ou seja, o complexo de Édipo não resolvido. Este conceito, ao enfatizar a centralidade da ansiedade de castração e o complexo de Édipo na etiologia da perversão, considera a perversão como uma defesa (Kernberg, 1945).

Para as construções clássicas o fantasma oferece o “negativo” de outros fantasmas originários (nomeadamente a cena primitiva de castração). Freud defendeu que a perversão é o negativo da neurose – entendendo-a, não como uma oposição radical, mas como modalidade de organização diferente. O negativo da cena primitiva e da castração é o fantasma do pai pedófilo. A criança é confrontada com o prazer enigmático dos adultos, ele coloca-se em posição central, objecto de fascínio e de desejo, proprietário (passivo) do amor de um pai que se desenforma não somente da mãe, como também, do feminino. A origem da emergência do desejo, não se inscreve mais na diferença de sexos mas na diferença de gerações que mantém o casal activo / passivo a investir no mesmo (Chabert, 1993).

Um segundo conceito de perversão é representado pelas concepções dos teóricos britânicos das relações objectais, especialmente Fairbairn (1954), Klein (1954) e Winnicott (1953) (citados por Kernberg, 1945), que enfatizam contribuições pré-edípianas quanto á sua psicodinâmica, psicopatologia na relação mãe - bebé, e o papel central da agressão pré-edípiana. Vista por este ângulo, a agressão pré-genital, patologicamente intensa da criança, e particularmente a agressão oral, é projectada sobre as figuras parentais, especialmente sobre a mãe, causando assim uma distorção paranóide das primeiras imagens parentais. A mãe é vivenciada como potencialmente perigosa pelo facto da criança projectar impulsos predominantemente sádico-orais e também sádico anais. O ódio da mãe, mais tarde, estende-se a

ambos os pais a quem, na sua fantasia inconsciente, a criança vivência como uma unidade (Kernberg, 1945).

Uma contaminação da imagem do pai pela agressão, inicialmente projectada sobre a mãe e depois deslocada sobre ele, e a dificuldade de diferenciação das imagens dos pais, sob a influencia de operações defensivas primitivas lidando com esta agressão, produzem nos meninos e nas meninas uma combinação perigosa da imagem pai-mãe, o que resulta no conceito de que todas as relações sexuais sejam concebidas como perigosas e cheias de agressividade. Nestes casos, a cena primitiva adquire características especialmente perigosas e assustadoras e é percebida pela criança com distorções gravemente sadomasoquistas. Essas condições levam a uma excessiva agressividade nos conflitos Edipianos, de tal forma, que a imagem do rival edipiano adquire características aterrorizadoras, perigosas e destrutivas, a ansiedade de castração e a inveja do pénis torna-se muito exagerada e devastadora. (Kernberg, 1945).

Esta segunda abordagem difere das concepções de Freud, na medida em que realça a contribuição crucial dos conflitos pré-edipiano. A teoria explica a intensa ansiedade de castração, a necessidade de identificar-se normalmente com o pai edipiano do mesmo sexo e a inibição da abordagem sexual frente a um objecto do sexo oposto, como derivado da agressividades das relações edipianas positivas e negativas e o fantástico incremento dos medos de castração, à medida que a sexualidade genital se transforma em recipiente da agressão pré-edipiana deslocada (Kernberg, 1945).

A terceira abordagem é representada pela escola psicanalítica Francesa, Chasseguet-Smirgel, (1985b, 1986), Braunschweig e Fain (1971), Grinberg (1976) (citados por Kernberg, 1945), entre outros, que, em consonância com Freud, consideram as perversões como uma regressão, ou fixação num componente pulsional parcial, pré-genital, em substituição de uma sexualidade genital bloqueada pela ansiedade de castração. Realçam o potencial universal para a regressão à fase sádico-anal, estabelecendo que “o universo anal pode ser considerado um esboço preliminar do universo genital”. Postulam que numa defesa secundária contra a regressão anal mascarada, ocorre uma idealização á analidade, com uma acentuação simbólica dos aspectos estéticos e formais de arte, natureza, objectos físicos, e realidade interpessoal. Ocorre também o surgimento de uma idealização da perversão específica do paciente, como sendo enormemente superior ás relações genitais “comuns” (Kernberg, 1945).

A negação das diferenças entre sexos e gerações e a idealização da componente pulsional pré-genital do perverso são acompanhados de cisão, que permite, ao mesmo tempo, um reconhecimento persistente da realidade. Num nível consciente, o perverso ainda conhece a realidade das diferenças sexuais e geracionais e a necessidade de integrar as suas lutas perversas

com o seu comportamento sexual actual nalgum padrão não psicótico (Kernberg, 1945). Chasseguet-Smirgel, (1988) indica que “o concreto da realidade não é somente constituído pela diferença de sexos, mas também pela diferença de gerações; esta correlação verifica-se ponto por ponto. A realidade não é que a mãe foi castrada, mas que ela possui uma vagina, e o menino é incapaz de satisfazê-la. A realidade é que o pai tem um pénis grande, e que o menino não tem (o grande faz pipi invejado pelo pequeno Hans de Freud), assim como as capacidades genitais que não possui. Quando a criança é obrigada a reconhecer a diferença de sexos na sua complementaridade genital, vê-se ao mesmo tempo obrigada a reconhecer a diferença de gerações. Isto constitui uma ferida narcísica dolorosa que a teoria do monismo sexual tenta apagar”. (Chasseguet-Smirgel, 1988 p.39). Ferida esta que se verifica muito patente nos perversos.

Segundo Sillamy (1991, citado por Haesevoets, 2003), a perversão “tem a sua origem num traumatismo afectivo precoce, num acontecimento dramático da infância, escondido no inconsciente do sujeito”. O perverso é animado pela vontade de poder e, mais ainda, pela necessidade imperiosa de saciar um sentimento de vingança, os traços que os definem são insensibilidade, imoralidade, impulsividade e inadaptação (Haesevoets, 2003). O perverso transgride as regras, com a finalidade de deter melhor o poder e de sentir um júbilo absoluto. Para isto, ele constrói as próprias regras, das quais se convence que são bem fundamentadas e procura a aprovação, ou mesmo a adesão do outro às suas pseudo leis. Toda a lei engendra uma limitação, a qual é entendida como um entrave, uma frustração, uma humilhação e, portanto, uma realidade decepcionante vista como insuportável. Ele experimenta desde esse momento uma necessidade repreensível de repetir um cenário seguro que faz com que estes limites impostos pela realidade lhe sejam suportáveis. Para isto, exerce um poder de convicção, até ao ponto de seduzir o outro diminuindo-o, com o objectivo de lhe arrancar o objecto cobiçado, o seu consentimento, a sua submissão, explorá-lo para lá dos seus limites, da sua força ou da sua maturidade (Haesevoets, 2003).

A máscara de amor ao serviço da agressão, leva-nos a caracterizar decisivamente o narcisismo maligno, como apresentando uma qualidade de perversidade na transferência e nas relações objectais em geral. A perversidade é entendida como sendo a transformação consciente ou inconsciente de algo bom em algo mau: amor em ódio, coisas significativas em não - significativas, alimento em fezes. Naturalmente perversidade não é o mesmo que perversão, e essa pode ser definida como um desvio de uma função sexual normal para uma função idiossincrática e bizarramente solidificada. Somente os tipos mais graves de perversão, usualmente os encontrados em tipos com narcisismo maligno, apresentam características de perversidade na sua transferência e noutras relações objectais (Kernberg, 1945). Na perversão, o

sujeito regride à fase sádico anal, que constitui uma imitação ou uma paródia do universo genital do pai. O universo sádico-anal aparecia na história do desenvolvimento do indivíduo como um rascunho, ou um esboço da genitalidade. É somente mais tarde no desenvolvimento que se torna uma imitação (Chasseguet-Smirgel, 1988).

O artigo de Freud (1917 citado por Chasseguet-Smirgel, 1988) sobre “ as transformações das pulsões mais particularmente no erotismo anal” esclarece este assunto. Indicando que na fase sádico-anal surge não somente como um modo específico de organização pré-genital, mas como uma espécie de protogenitalidade ou de pseudogenitalidade, na qual os objectos, as zonas erogenas e as gratificações estão adaptadas às capacidades limitadas da criança pré-pubere, com o seu pequeno pénis infértil, enquanto que os objectos, as zonas erogenas, as gratificações de natureza genital estão fora do seu alcance. Segundo Freud, o bastão fecal prefigura o pénis genital; a produção de fezes torna-se um protótipo do nascimento; a separação das fezes é um precursor da castração; o excremento no recto antecipa o coito genital. Se, no curso do desenvolvimento, a fase sádico-anal aparece como um espécie de “galope de experiência” para a criança a caminho da genitalidade adulta, uma tentativa de substituir a genitalidade pela etapa que normalmente a precede é um desafio lançado à realidade. É uma tentativa de fazer passar um universo de falsas aparências pela realidade. O “Planeta dos macacos” tomou o lugar do mundo humano (Chasseguet-Smirgel, 1988).

Na perversão a relação com a mãe é entendida como ameaçadora ou invasora. Neste ambiente relacional, a criança integra a sua mãe como muito perigosa ou devoradora. Os processos de separação e de individuação não podem ser operantes. A criança é tomada pelos fantasmas que esmagam, que aniquilam, que fragmentam, e não consegue construir uma identidade própria. Ela vê a sua mãe como detentora de um direito de vida e de morte sobre a sua pessoa. Nesta relação mortífera, o pai está ausente ou é denegrado pela própria mãe. As teorias psicanalíticas insistem no papel activo da mãe e no papel passivo do pai na génese da perversão. O perverso é confrontado com angústias extremamente puníveis, uma vez que tem medo de perder uma identidade e a sua vida, tendo que encontrar soluções para sobreviver. Assim nasce o perverso na criança. O objecto ameaçador, odiado ou amado, deve ser dominado e controlado sem ser destruído. A criança cria então um cenário perverso assente sobre uma “neorealidade” que integra totalmente o objecto. Para assegurar este controlo total e o domínio das angústias destruidoras, a criança sexualiza a relação com o objecto (Haesevoets, 2003).

O desejo de se libertar da mãe primitiva vai levar as crianças dos dois sexos, a projectar o poder sobre o pai e o seu pénis, e a desinvestir mais ou menos as capacidades e os órgãos especificamente maternos. Se a relação com a mãe for suficientemente boa, a criança do sexo

masculino tomará o seu pai como modelo, a fim de se tornar como ele e possuir um dia a mãe. Investirá então o seu próprio pénis, de um valor sexual e narcísico presente e sobretudo futuro. Reservará no entanto uma parte do seu investimento narcísico às capacidades e aos órgãos maternos: seios, vagina, maternidade. Este processo permitir-lhe-á desenvolver-se segundo o seu próprio sexo, sem desvalorizar de forma reactiva as capacidades femininas, e portanto integrar a sua feminilidade, tornando-o assim capaz de compreender os desejos das suas parceiras nas suas relações amorosas. Se a sua relação com a mãe arcaica foi muito má, poderá retirar todo o seu investimento narcísico das prerrogativas maternas para deposita-lo inteiramente no pénis paterno e no seu próprio pénis. Sendo assim, a integração da sua feminilidade será difícil, talvez impossível, tanto as capacidades femininas serão para ele, objecto de desprezo (Chasseguet-Smirgel, 1988).

O mecanismo psíquico das perversões nem sempre é valorizado, preferindo muitos autores até nalguns pontos, o próprio Freud, falar de estrutura da perversão, encarada como sintoma fora do comum, "canon" da sexualidade humana (Alvim, 1983). Contudo há autores que defendem que não podemos falar de uma perversão manifesta na pedofilia, a conduta pulsional em questão, inscreve-se num universo arcaico, diferente daquele em que se realiza, que não comporta a restrição legal junto ao exercício socialmente integrado da sexualidade (Bril, 1993). Quanto ao seu objectivo e ao seu objecto, a perversão é mais do que um simples desvio da pulsão sexual, em resposta a uma angústia de castração. Ela corresponde igualmente a uma patologia da relação do objecto, que exacerba as pulsões sexuais e agressivas e estimula as angústias primitivas, e arcaicas. A perversão é uma patologia objectal que funciona como um ecrã contra a morte e a loucura (a psicose), ou como a solução sintomática de um cenário sexual fictício. A perversão pode ser uma constante, que oscila entre o pólo da sexualidade arcaica ligada à homeostasia narcísica, e o pólo da sexualidade edipiana, ligada à homeostasia libidinal (Haesevoets, 2003).

Chasseguet-Smirgel, (1988) indica-nos que “A criança pode, com efeito, conservar a ilusão de não dever adiar a satisfação esperada. A equivalência postulada da analidade e da genitalidade visa escamotear a evolução, aplinar o tempo, tornar a criança com o seu pénis impúbere, igual ao pai, cujo pénis genital e capacidades específicas são desqualificadas. Ao mesmo tempo, na criança confortada geralmente aí pela atitude da mãe, constitui para ela – ao menos faz questão de acreditar assim – um parceiro sexual adequado. Pode assim pular por cima do processo de identificação ao seu pai, processo do qual a introjecção do pénis forma o núcleo (Chasseguet-Smirgel, 1988).

Assim, na perversão, o sujeito chega, por intermédio da regressão sádico-anal e da idealização que está ligada a ela – e é isto que o distingue essencialmente do psicótico – a obter

um estado do aparelho psíquico - na perspectiva desta regressão – atingido pelo psicótico por meio da regressão narcisista. Deve notar-se que se a recusa no perverso se aplica à ordem genital (de seus valores e de sua própria significação), a regressão sádico-anal que vem tomar o seu lugar não é equivalente à criança autocrática de um mundo novo pelo psicótico tal como é descrita pelo Freud em “Neurose e Psicose”, pois o universo que o perverso substitui ao universo genital do pai, existe em cada um de nós: todos nós atravessamos a fase anal. O “mundo novo” do perverso, ainda que “construído de acordo com os desejos do Id” repousa, entretanto, sobre uma certa realidade, a de uma fase do desenvolvimento cujos sedimentos subsistem em nós. E a distância existente entre o universo genital e o universo anal é precisamente superada não pelo delírio, mas pela idealização. A idealização como o delírio têm como função, reconstruir os vínculos com a realidade. A compulsão a idealizar do perverso, que explica as suas afinidades com o estético e que me parece hoje o mecanismo essencial que o impede de cair na psicose. (Chasseguet-Smirgel, 1988 p.88).

Como verificámos existem autores que não inserem a pedofilia na perversão, contudo, a maior parte dos autores, definem a pedofilia como uma perversão, abordaremos seguidamente a noção de pedofilia.

Na perspectiva analítica, o mito e/ou fantasma da pedofilia induz numa dupla corrente de construção e de interpretação: a via do narcisismo, do fantasma da eterna juventude, do amor originário; na outra, o desvio versus transgressão sexual e a perversão pela negação da diferença e abolição da angústia de castração (Chabert, 1993).

A pedofilia “utiliza” a criança como objecto sexual, erótico ou pornográfico, com o pretexto educativo. Por vezes, este tipo de relação sexual é racionalizada, justificada, e apresentada como normal, mesmo utilizando o uso da força psicológica sobre a criança. As dinâmicas psicológicas mais frequentes são a dificuldade de enfrentar com o adulto homem ou mulher a sensibilidade sexual específica (Dufour-Gompers, 1992), representando-se a pedofilia de uma forma particular como o maltrato sexual de um menor (Albernhc, 1997).

O pedófilo é um homem (OMS, 1986 citado por Félix, 2003), maioritariamente do sexo masculino, e em cerca de um terço dos casos familiar, pai, padrasto, irmão, tio, avô, em outro terço vizinho, amigo da casa, marido da ama, etc. (Fernandes, 1990), ou com menos frequência do sexo feminino (OMS, 1986 citado por Félix, 2003) que se sente atraído por crianças. Por vezes nas actividades com as crianças limita-se a despi-las, observá-las exibindo-se a si próprio, masturbando-se na sua presença, tocando-as e acariciando-as. Noutros implica sexo oral ou vaginal empregando a força física (Félix, 2003).

Os pedófilos utilizam como estratégia de aproximação às vítimas, a ameaça, o tráfico organizado de crianças, a sedução e o aliciamento de crianças suas familiares, amigas ou vizinhas (Ames & Houston 1990). Poderá dizer-se que os pedófilos não têm artes de sedução, mas artimanhas de dominação. Não se trata de inteligência social mas de manha anti-social. A prova é que sistematicamente culpabilizam a vítima, impõem segredo, domesticam o menor, ameaçam com represálias, compram os seus favores (Coimbra de Matos, 2007). Para a maior parte dos pedófilos, existe uma vontade de transgredir as leis, que se exprime de forma insidiosa, que visa a destruição moral e/ou psíquica do outro (Chapelle, Chatelle, Becker, 2008). Fazem-se parecer amáveis, dizendo mesmo que amam as crianças, para isso escolhem crianças que são mais desprotegidas, porque este é um factor de atracção, bem como facilita as suas manobras (Balier, 2000); geralmente mostram-se introvertidos, tímidos, sensíveis e solitários (Ames & Houston 1990; DSM III- R 2006).

O tipo mais comum do pedófilo é o indivíduo imaturo, que em certo momento, descobre que obtém com crianças níveis de satisfação sexual, que não são possíveis de alcançar de outra forma (Serafim, 2008). Geralmente justificam os seus actos com razões de ordem educativa em relação à sua vítima (DSM III- R 2006), prazer sexual das crianças, o benefício do sexo precoce como contributo para o seu desenvolvimento, (Furniss 1993), ou a provocação das próprias crianças (DSM III- R 2006; Furniss 1993). Utilizam duas tácticas: sedução (estilo histérico), ameaça (estilo obsessivo) (Coimbra de Matos, 2007).

Para não reviver o estado de impotência, que surge através de identificação primária, de inexistência, o pedófilo afirma-se em toda a sua potência, de forma a reduzir o outro a um estado de “coisa”, o que exige evidentemente a supressão de toda a empatia e explicável atrocidade (Balier, 1992). A nostalgia melancólica de uma infância passada, sexualmente frustrada ou abusada, está gravada na biografia do abusador de crianças. Através da sua busca sexual e constante de crianças, ele perde-se nos meandros da sua própria história decepcionante (Haesevoets, 2003). O processo de fantasia do agressor sexual, irá despoletar a violência extrema. Quando o indivíduo sai da fantasia para o acto, experimenta o prazer, não pelo sexo, mas sim pelo sofrimento das suas vítimas. Estas fantasias, gradativamente vão-se transformando em pensamentos cada vez mais fixados no quadro das obsessões (Serafim, 2008). Se necessário os impulsos impõem-se contra a vontade dos pedófilos, para atingirem os seus fins; é uma questão de grau de prepotência do abusador (Coimbra de Matos, 2007). É importante salientar que alguns indivíduos ditos pedófilos, não saem da esfera d fantasia, e nunca chegam a consumir nenhum relacionamento da esfera sexual com as crianças.

Para os pedófilos o objecto não é mais conhecido como vindo do exterior, o sujeito instaura-se nele, mesmo na correcção da sua experiência de vida (Roussillon, 1993). De acordo com esta organização particular da personalidade, o pedófilo recusa implicitamente reconhecer a diferença dos sexos e das gerações. Recusa assim a castração e o seu objecto (Haesevoets, 2003). Ou seja, através de uma certa identificação com a criança, os pedófilos buscam o retorno á sua experiência primitiva, ao tempo diluído da novidade perene, e da sexualidade florescente (Félix, 2003). Este desejo de apropriação de experiências passadas parece ser característico, em especial, na sedução homossexual dos rapazes. O rapaz púbere e belo pode representar de certo modo, a própria juventude perdida do pedófilo. Esta busca da própria imagem, tem uma componente narcísica acentuada, na qual, o rapaz (re) aparece como ele próprio, vindo do fundo de uma espécie de memória mítica ideal, ou seja, o pedófilo vê a sua vítima como aquele que gostaria de ter sido, ou que foi de facto. Observando-se uma condensação entre objecto danificado e objecto salvador. O início da maturação física da adolescência parece exercer um fascínio muito especial nos pedófilos (Félix, 2003).

O pedófilo não o é por excesso de sensualidade, mas porque não conseguiu desenvolver uma relação de satisfação sexual com outro adulto. Para um individuo que se desacredita da admiração, do amor verdadeiro, do outro adulto, as crianças são mais facilmente impressionáveis e susceptíveis de serem seduzidas, esperando que estas lhes facultem a estima que ele próprio não tem, no que toca a relacionamento íntimos com pessoas adultas. A satisfação sexual dos pedófilos é relativamente rara, marcada por experiências decepcionantes e pesadas de culpa, registadas como episódios secretos para o mundo dos outros e mantidos numa zona marginal da sua própria existência pessoal (Félix, 2003).

Há um número significativo destes homens que preferem parcerias sexuais adultas, mas escolhem crianças, porque estão disponíveis ou mais vulneráveis (Duque, 2004). Como também as crianças poderão ser menos exigentes, mais fáceis de agradar com presentes: brinquedos doces ou dinheiro (OMS, 1986 citado por Félix, 2003), dos quais não desconfiam como faz o adulto. A relação de sedução entre um pedófilo e um rapaz ou rapariga púberes, pode sugerir, que o “amor” que este lhes dá será um reflexo distorcido do próprio amor que gostaria de ter recebido enquanto criança. A actividade pedófila parece encenar o excesso daquilo que se teve em raridade ou não se teve de todo na infância (Félix, 2003). Na vida sexual, Freud (citado por Haesevoets, 2003), defende que “ o ponto mais precioso do sistema narcísico, esta imortalidade do Eu que a realidade deita por terra, encontrou um ponto seguro refugiando-se na criança. O amor dos pais não é mais do que o seu narcisismo que renasce metaforicamente”. O abusador projecta assim o

seu narcisismo invasor sobre a criança, para a entorpecer numa imortalidade toda - poderosa (Haesevoets, 2003).

O futuro pedófilo será marcado por uma longa e profunda fusão com a mãe, de tal forma que o processo de separação/individuação ficará comprometido (Glasser, 1986; Socarides, 1979). Esta fusão com a mãe é uma extensão da situação que decorre no desenvolvimento “normal” da criança, que passa por um estado de indiferenciação com a figura materna, numa relação classificada como simbiótica (Gijseghem & Tardif, 1999), mas que neste caso permanece (Balier, 1992). O ênfase dado por Chasseguet-Smirgel, (1988) às consequências patológicas de grave agressão precoce, no processo de separação/individuação da mãe, particularmente nas vicissitudes da identificação da menina com funções femininas e a tolerância do menino pela rivalidade edípica com o pai, mescla-se às ideias dos psicanalistas americanos que enfatizaram a importância da separação - individuação na gênese da perversão (Kernberg, 1945). Stoller (1968) descreveu o medo da feminilidade nos homens, como sendo uma expressão das suas ansiedades no que diz respeito à perda de identidade sexual, derivada da identificação primária com a mãe, a qual necessita ser desfeita, para que a identidade masculina possa ser desenvolvida.

Se falarmos em imagos observa-se uma preeminência de uma imago materna fálica, potente e ambissexual, e o pai um prolongamento desta (Balier, 1992). Outro factor que parece ser relevante na predisposição para a pedofilia é a perseguição interior de uma infância, em que o actual pedófilo foi vítima de abuso sexual (OMS 1986; Furniss, 1993 citados por Félix, 2003). As crianças que são vítimas de abuso sexual, podem crescer com um acontecimento traumatizante, no seu percurso sem que o consigam compreender ou interpretar, lembrança essa, que poderá induzir a repetição destes acontecimentos com outras crianças, já em adultos (Fernandes, 1990). Contudo, há autores que defendem que a relação do ciclo vítima/agressor, não é tão directa quanto possa parecer (Duque, 2004). O pedófilo cria situações de intimidade caso elas representem uma forma de aniquilamento na fusão, para eles uma perturbação da relação de objecto, na fase pré-edípica será acompanhada de uma exacerbação das componentes narcísicas, agressivas, e por conseguinte de uma angustia de castração, e sentimento de culpabilidade edípica (Greenacre 1953).

Algumas desordens psíquicas, podem predispor os indivíduos à actividade pedófila, com elevada incidência a personalidade de evitamento, a personalidade dependente, e borderline (Ames & Houston, 1990). Outros autores defendem que os comportamentos pedófilos, produzem-se diversificados e em todos os quadros de estruturas psíquicas (Chapelle, Chatelle, Becker, 2008). A parte não psicótica da personalidade destas pessoas, vai da estrutura neurótica à

narcísica, passando pela organização depressiva, sendo esta falha do âmbito do funcionamento da mente e da estruturação da relação de objecto (Coimbra de Matos, 2007).

Abusadores que não atendem aos critérios de diagnóstico de pedofilia são chamados de abusadores oportunos, regressivos ou situacionais (Holmes & Holmes 2002 citados por Serafim, 2008). O pedófilo tenta destruir a criança que há nele, através da passagem ao acto abusivo, tanto quanto acto de lealdade para com o seu próprio progenitor, cujo ferimento de amor está abafado (Haesevoets, 2003). Para alguns autores uma conduta pedófila pode ser qualificada de perversa do ponto de vista estritamente comportamental, não significando obrigatoriamente, que seja um comportamento psíquico. A pedofilia é compreendida como uma perversão sexual grave (Albernhc, 1997), e a perversão é vista como uma falência completa da organização edipiana (Alvim, 1983).

Glasser (1986 citado Gijseghem, Tardif, 1999), afirma que o perverso não faz verdadeiras identificações, o processo de internalização do objecto e a sua integração na representação de si é percebido como qualquer coisa de invasivo e intrusivo suscitando mais angústia de aniquilamento (Gijseghem, Tardif, 1999). Ao constatar a fusão com a figura materna, a ausência da figura paterna, a dificuldade de identificação ao masculino, bem como o facto de se saber que sobre um plano de organização psicopatológica a carência paterna, e a não referência ao paterno pode ter consequências graves como a psicopatia e a perversão (Lebovici, Soulé, Diatkine, 1985). Verificamos que a noção de identificação é extremamente relevante para o desenrolar da pedofilia nos sujeitos. O conceito de identificação é central e básico para a compreensão do desenvolvimento e organização da personalidade. (Grinberg, 2001), abordaremos seguidamente a identificação e a panóplia de conceitos e ela inerentes.

## **1.2. Identificação**

“A nossa história começa quando começamos a existir no sonho de alguém. Somos quem somos, porque condensamos tudo o que vivemos, o que viveram por nós, com quem vive o nosso interior. Identificarmo-nos é descobrirmo-nos em nós a partir dos outros, muito mais do que sermos como alguém.” (Sá, 1995, p.38).

O problema da identificação é complexo, além de uma dimensão intra -psíquica e individual, há factores de ordem sexual que oferecem estereótipos que vão servir de modelos dominantes em cada cultura e em cada época. Há pois e também, uma historicidade na exteriorização dos modelos culturais de identificação (Malpique, 1984). A identificação intervém como processo fundamental na formação do Eu, do super-Eu e do ideal do Eu, do carácter e da identidade. Sendo por sua vez, uma constante no inter-jogo contínuo, da relação entre sujeito e objecto. Tal como defendeu Freud, constitui a forma mais primitiva de ligação afectiva a outra pessoa (Grinberg, 2001).

O termo identificação, foi geralmente utilizado, para definir e representar o processo activo e estruturante, que tem lugar dentro do Eu, e pelo qual, este metaboliza certos componentes internalizados, dando lugar a uma matriz identificatória. Através da identificação, o sujeito reconhece como suas uma ou mais influências reguladoras, ou características do objecto, que se tornaram importantes para si, e prossegue o seu vínculo com o objecto. Uma identificação pode adquirir uma relativa autonomia, face às suas origens nas relações do sujeito com objectos dinamicamente significativos (Grinberg, 2001). Freud descreve como característico do trabalho do sonho o processo que traduz a relação de semelhança, o “tudo como se”, por uma substituição de uma imagem por outra, ou “identificação”. Mas a identificação não possui aqui o valor cognitivo: é um processo activo que substitui uma identidade parcial ou uma semelhança latente por uma identidade total (Laplanche, Pontalis, 1967/1970). Segundo Chasseguet-Smirgel, (1988): “A necessária dupla identificação ao pai e à mãe, tudo conspira para que a sombra do continente negro se projecte sobre a sexualidade masculina. Parece-me artificial e falacioso abstrair completamente o estudo da sexualidade feminina da feminilidade comum aos dois sexos e da sexualidade humana em geral.” (Chasseguet-Smirgel, 1988 p.29).

A forma como esta identificação é feita difere de autor para autor. Como anota Ross (1986, citado por Afonso, 2007) no início da vida é a mãe, e não o pai, que consola o bebé, e que para além disso, representa o universo. Nesta relação de cuidado, nutrição e onipotência, o rapaz vai primeiro distingui-la e depois identificar-se com ela. Logo que a presença do pai distinto

da mãe, é sentida, torna-se um pré - objecto no mundo do bebé, para o qual ele se vira, buscando algo cada vez mais específico. Posteriormente as crianças constataam as diferenças sexuais, consolidando-se a identidade nuclear de género (Afonso, 2007).

Freud (1900, 1905 citado por Malpique, 1984) começa por abordar o conceito de identificação a propósito da condensação do sonho e dos sintomas histéricos. A identificação não é uma simples imitação, mas um processo inconsciente, que através do recalçamento, permite a realização do desejo (Malpique, 1984). Freud diz que a identificação é a operação pela qual o indivíduo humano se constitui. O autor vai mais longe explicando que "...a identificação não é simples imitação, mas apropriação baseada na pretensão a uma etiologia comum; ela exprime um "tudo como se" e relaciona-se com um elemento comum, que permanece no inconsciente". Este elemento comum é um fantasma (fantasia) (Laplanche, Pontalis, 1967/1970). A noção de incorporação oral como protótipo de identificação primária, assim como a de narcisismo, levam-no a conceptualizar a identificação narcísica. Freud deixa de utilizar o conceito de identificação apenas para explicar o sintoma histérico, e admite que em parte, mediante uma identificação narcísica, se originam modificações estruturais no Eu (Malpique, 1984).

A visão de Freud da sexualidade masculina, centra-se também, no reconhecimento das diferenças anatómicas que é decisivo na fase fálico-edipiana, caracterizando-se, pelo desejo da posse exclusiva da mãe, com a derrota do pai. À ameaça de castração pelo poderoso rival, o menino responderia com a renúncia ao incesto, e a identificação com o pai, internalizando-o como instância psíquica do super-ego. Sendo centrais no processo, a ansiedade de castração e a relação com o pai (Afonso, 2007).

Freud (1950,1969 a) sugere reservar o nome identificação primária para o processo introjectivo no Eu das imagens parentais, sobretudo a do pai tomado como modelo ideal, que tem lugar no período que Freud designa, em "Totem e Tabu", de período intermédio, que é caracterizado como narcisismo em sentido estrito. Nesta introjeção produz-se uma transformação do ego. Criou-se uma reprodução do modelo parental pela qual o rapaz se sente semelhante ao seu pai, como seu duplo especular. Este processo é acompanhado geralmente por uma imitação de atitudes e características exteriores do pai. Este momento seria, no início da fase fálica e não antes. Uma vez realizada a identificação primária, "simultaneamente ou um pouco depois" (Freud, 1950/1969 a) tem início o investimento objectal dirigido à mãe, existe, então, clara discriminação entre o Eu e o Objecto. Existe vínculo ou relação de objecto (já que se toma alguém como modelo), mas não um objecto libidinalmente investido. Este processo é manifestação da masculinidade: "Querer ser como o papá", diferente de "querer ter o papá" que é o caso da escolha homossexual do objecto (Grinberg, 2001).

Freud foi enriquecendo o conceito de identificação: Em *Totem e Tabu* a noção de incorporação oral é salientada. Nomeadamente mostra o seu papel na melancolia, em que o indivíduo se identifica no modo oral com o objecto perdido, por regressão à relação de objecto característica da fase oral (Freud, 1969, a). Posteriormente Freud esboça a dialéctica, que liga a escolha narcísica de objecto á identificação. Uma vez salientada a fórmula generalizada do Édipo, Freud mostra que estas identificações formam uma estrutura complexa, na medida em que o pai e a mãe são cada um de sua vez, objecto de amor e de rivalidade. De resto, é provável que a presença de uma ambivalência relativamente ao objecto, seja essencial à constituição de qualquer identificação. Freud acaba por distinguir diferentes modalidades de identificação: Como forma originária do laço afectivo com o objecto, trata-se aqui de uma identificação pré-edípiana, marcada pela relação canibalesca, imediatamente ambivalente. Como substituto regressivo de uma escolha de objecto abandonada. Não havendo qualquer investimento sexual do outro, o indivíduo pode todavia identificar-se com ele, na medida em que ambos têm em comum um elemento por deslocamento, será noutro ponto que irá produzir-se a identificação (Laplanche, Pontalis, 1967/1970).

Otto Fenichel (1978) interprete do pensamento de Freud escreve que: As modificações do Eu, que consistem na aquisição por quem as percebe, de características reconhecidas anteriormente no objecto (...) são chamadas identificações (...) opõem-se aos investimentos libidinais do objecto, constituindo como que uma outra relação, entre o sujeito e os objectos pertencendo ao mundo exterior” (Fenichel 1978). As identificações acarretam mudanças estruturais no Eu, isto é, promovem mudanças estruturais através da capacidade integrativa e sintética do Eu (Hartmann, 1939; Werner, 1940; Sandler, 1960, citados por Fenichel, 1978). Segundo O. Fenichel (1978) “As identificações são modificações no Eu, fundadas por uma exigência pulsional do Id, que por uma razão interna ou externa, deixa de se dirigir ao mundo exterior” (Fenichel, 1978).

A grande viragem no processo de identificação, dá-se durante o Complexo de Édipo. Muito precoce na perspectiva de M. Klein (segunda metade do primeiro ano) ou mais tardio para Freud (3-5 anos). Dir-se-ia que a Edipificação, isto é, a possibilidade de reconhecer o terceiro, e portanto, de simbolizar, está imanente á organização psíquica. O que confere verdadeira originalidade à identificação edípiana, é que este exige uma mudança de objecto. A identificação deixa de ser com o objecto de desejo, para ser efectuada com aquele que possui o objecto. E o agente de mudança é o pai, sentido como estranho que lhe retira a exclusividade da relação com a mãe. O pai como elemento frustrante ou a “figura compósita dos pais, levam a criança a sentir-se excluída e a confrontar-se com a realidade (Malpique, 1984). É no artigo *Psicologia de Grupo* e

Análise do Ego (1921 citado por Saraiva, 1999) de Freud, que o conceito de identificação é ampliado, e referido como sendo, “ a expressão mais remota de um laço emocional, com outra pessoa” (Saraiva, 1999).

Para Coimbra de Matos (1981), a identificação é definida como um “movimento construtivo da personalidade, consistindo numa transformação do próprio, por apropriação das características do outro “ (Coimbra de Matos, 1981). A identificação é um processo que se realiza a dois níveis: Num primeiro nível o do Eu, que possibilita a autonomia, e independência do indivíduo, processando-se em termos da relação binária. O modelo é utilizado mais como fonte de aquisições, do que como objecto de investimento afectivo, daí, também designar-se por identificação narcísica. Ao nível do Super-Eu por interiorização da lei social, e construção do sistema de contenção dos impulsos, do ajustamento da satisfação, da neutralização da energia pulsional e da sublimação das pulsões. É vivida na relação triangular, genital e através do investimento objectal, permitindo estabelecer a identidade sexual (Saraiva, 1999). Segundo este autor, a identificação é entendida como identificação ao outro. Actualmente designa-se por identificação ao modelo ou identificação alotriomorfa, esta é uma aprendizagem social e torna-nos semelhantes. Porém a identidade pessoal constrói-se por mais dois processos: A identificação imagoico-imagética, por captação e introjecção da identidade atribuída pelo meio humano, inculcada através das mensagens implícitas e explícitas; e a identificação idiomórfica em que o indivíduo se constrói, observando, descobrindo, e realizando, por aprendizagem directa, sendo esta diferencial e diferenciada, que nos faz diferentes e únicos (Coimbra de Matos 2007).

Para Carlos Amaral Dias (1988), a identificação é o processo e o produto, aspectos indissociáveis que espelham a interacção dos mecanismos psicológicos de externalização (projecção), e internalização (introjecção), e que com substância, individualidade, e subjectividade de cada sujeito, nos seus comportamentos, motivações, atitudes e valores (Dias, 1988). Para Lampl de Grout (1965 citado por Grinberg, 2001), a identificação é um processo mental, normal, que conduz a pessoa a ser como outra pessoa. Para ela a identificação cumpre três objectivos principais: É um dos meios para assegurar a satisfação das necessidades corporais e psíquicas que o objecto provê. Promove o processo de aprendizagem, a criança aprende por meio da identificação com os pais, irmãos e outras pessoas. E forma a base do ideal do Eu. Na fase mágica pré-Edípica do desenvolvimento, a criança identifica-se com as imagens dos pais onipotentes, para ser tão poderosa quanto imagina. No desenvolvimento normal o ideal do Eu amplia-se e evolui com novas identificações (Grinberg, 2001).

A identificação edípica colocando a hipótese da “inveja do status”, ou seja, a criança imita a pessoa que sente como privilegiada na relação afectiva (o pai é privilegiado pela mãe, na

observação do rapaz por exemplo). O pai seria a figura com mais influência na diferenciação do tipo sexual. Com efeito, só o pai diferencia a sua função para com a filha, enquanto que a mãe manteria com os filhos de ambos os sexos, uma função predominantemente expressiva. Ao pai cabe segundo a hipótese do papel social recíproco de Parsons, uma função instrumental, isto é, procura estimular a criança na sua destreza e aquisição de competências, para se adaptar ao meio social. Desde cedo o pai seria activamente instrumental com o filho (exigente na resolução de problemas concretos e adaptação ao meio exterior), e expressivo com a filha (admira-a, elogia-a e apoia a sua capacidade de sedução) (Malpique, 1984).

O sujeito reconhece no outro, uma representação do mundo exterior, diferente e suficientemente, interessante para suscitar o desejo de integrar a representação de si (Glasser, 1986; Jacobson, 1964). O desenvolvimento do eu realiza-se, por conseguinte, graças às sucessivas identificações de índole diferente, que aparecem desde os primeiros instantes da vida, e a partir da relação mais precoce da criança com a sua mãe. Na medida em que as identificações são especificamente modificações estruturais do Eu, podem chegar a formar a estrutura básica da personalidade (Grinberg, 2001). Segundo esta teoria, no desenvolvimento da vida, a criança está num estado de indiferenciação com a figura materna, numa relação classificada como simbiótica. Esta relação é modulada de tal forma, que a capacidade da criança se separar e individuar, é encorajada. Pelo fim do primeiro ano de vida da criança, a relação objectal, reconhece o objecto materno como separado e independente (Mahler, Pine et Bergman 1975). Esta distância psíquica favorece a representação mental do objecto materno, e enche-se de sentimentos ambivalentes, como o retorno ao ventre materno. Este contexto predispõe a criança a dirigir as suas pulsões agressivas, para este mesmo objecto, que começa a perceber como uma instância exterior (Roiphe e Galenson 1987), por sua vez a descoberta da existência de rivais, a criança canaliza as suas tendências hostis, versus, tudo o que sente uma certa admiração, e faz face á sua superioridade (Jacobson 1964).

Sabemos que a etapa de simbiose com a mãe é indispensável e estruturante, no entanto, ela pode tornar-se patogénica, tanto nos casos em que há um precoce desligamento da mãe, como principalmente quando há uma exagerada manutenção deste vínculo simbiótico. Fortalecendo e fixando uma relação de natureza diático-fusional da criança com a mãe, excluindo assim a importância do pai (Teixeira, 2002). O pai e a mãe são à vez, objecto de amor e de rivalidade. É provável que a presença desta ambivalência seja essencial para a constituição de toda a identificação (Grinberg, 2001).

A situação triangular é geradora da diferença, e na conflitualidade origina a identidade sexual. No sexo masculino, admite-se, que o super-eu seja uma instância mais estruturada, e mais

forte, porque o medo de castração, é mais dominante, e as pulsões agressivas claramente dirigidas, contra a figura paterna. O facto do rapaz não mudar de objecto libidinal ao longo do processo de identificação torna mais evidente, no conflito, o desintricamento das pulsões libidinais e agressivas (Malpique, 1984).

Existem dois tipos de interferências que podem afectar a resolução dos conflitos edipianos, e que requerem um nível superior de integração das identificações edipianas (Silverman, 1986). A primeira interferência está relacionada com a fragilidade do processo de identificação pré - edipiano que não pode sustentar o conflito edipiano. A segunda refere-se a uma experiência edipiana, particularmente “stressante”, e difícil, que pode ultrapassar as capacidades da criança a atravessar. Ou seja, a abstinência de um modelo válido de identificação, causa um obstáculo á resolução do conflito edipiano. Estas interferências são verificadas, nas famílias onde se desenvolvem delinquentes sexuais (Gijsegheem & Tardif, 1999).

A identificação que pretendo abordar, é ao paterno, portanto é relevante tecer algumas considerações, relativamente ao pai nestas identificações. O pai deve representar, a diferenciação sexual da mulher, organizar o desvio na díade. A mãe deverá responder com complementaridade a este movimento. Sendo esta a condição maior, para que a criança organize o seu espaço mental, actividade fantasmática, e pensamento (Ody, Smadja, 1985). No ensaio sobre a Ordem Moisés e o Monotaismo Freud interpreta os seus rodeios, como um progresso, a passagem da ordem social matriarcal á ordem social patriarcal: “Mas este retorno da mãe ao pai, mais uma vitória da espiritualidade sobre a sensibilidade num processo de civilização, onde a maternidade é testada por um testemunho, tanto que a paternidade é uma hipótese edificada sobre uma conclusão e uma pré - suposição (Freud 1939/1969 b).

Em todos nós existe um pai real e um pai imaginário. Porque existe o pai, como pessoa, e como objecto libidinal; ele está perante o filho real, mas age através das expectativas e das idealizações que faz desse filho, como projecção do seu próprio ideal do eu. O pai para cada um de nós será um objecto interno (imago), mas ainda o homem, com a qualidade da presença, ou ausência real, no tempo e no espaço. Tal como através de uma lente se procura a nitidez do foco, a desidealização do pai caminha a par de uma progressiva objectividade, face a nós próprios. Todavia o pai é o verdadeiro agente de mudança, porque introduz a relação triangular. É a partir dele que a criança se depara com a mudança de objectos, ou com a diferença de modelos. É o pai que irá mediar a relação mãe-filho, que introduz a distancia, a diferença e a frustração mais penosa. Segundo Lacan o pai faz reconhecer à criança a falta, a impossibilidade da relação fusional, com a mãe. A presença de um pai real que disputa a mãe à criança, é portanto indispensável. Por analogia com Winnicott, poderíamos dizer que um pai suficientemente bom, é

aquele que, pela sua presença, estimula e atende às necessidades do filho, mas que ama bastante a mulher, para que não suporte por tempo demasiado a relação simbiótica da díade. É de salientar que o perigo da ausência real é a idealização, e não o esquecimento. O grande risco está no facto de que essa ausência seja veiculada pela mãe, o valor simbólico da função paternal desaparece do discurso da mãe (segundo Lacan isto seria a “forclusão do pai”), e se mantenha a relação simbiótica (Malpique, 1984).

No evoluir do Édipo, o rapaz deve renunciar ao “phalus paternal”, para ser como o pai, e ter um pénis real, uma potência limitada, isto é, aceitar a lei simbólica do pai, lei simbólica das trocas, que fixa para cada um o que lhe é devido, o que pode ter, e o que lhe é proibido. Renunciando ao incesto, o rapaz pode estabelecer uma relação privilegiada com o pai, e fazer uma identificação ao paterno. No drama edípiano a imago do pai, é segundo Lacan de acordo com Freud, aquela que mobiliza de forma mais clara a sublimação, para atingir a nova identificação sexual. A imago da mãe, é muito interferida pelas identificações primárias e nesse processo, carrega de ambivalência a identidade feminina. A imago do pai representa nos dois sexos a forma mais perfeita do ideal do eu, de que seriam representantes o ideal viril no rapaz, e o ideal virginal na menina (Lacan, 1981).

Se é certo que a presença do pai real é agente fundamental da triangulação, a verdade é que as diferentes culturas dispõem, mesmo na sua ausência de meios simbólicos, que asseguram a função paterna. Quando o pai está ausente, há condições para se manter a idealização, a lei torna-se excessiva e ameaçadora, criam-se ideias megalómanas, está dificultada a resolução do Édipo, isto é, a “passagem do registo imaginário para o registo simbólico da língua. Ao pai cabe um papel disciplinador, o que não quer dizer que seja, forçosamente hostil e punitivo (Malpique, 1984). O rapaz é educado de preferência pela mãe e por outras figuras femininas, e são estas que lhe incutem normas, a modelação faz-se mais pelo aspecto negativo, do que fornecendo um modelo de identificação. Muda de modelo por volta dos 4 anos, e pode fazê-lo apenas, com respeito a características ligadas ao sexo, mas pode continuar, profundamente identificado à mãe. O rapaz tem pouco contacto com o pai; nas sociedades modernas, em que o trabalho do pai é altamente sofisticado, o rapaz terá mais dificuldades em se identificar com o papel masculino, para isso tem que fazer a aprendizagem do seu estereótipo utilizando a abstracção (Malpique, 1984).

A sedução materna é uma lembrança, a sedução do pai é um fantasma. Podemos assim definir a lembrança originária de sedução materna, e o fantasma originário da pedofilia paterna. Por outras palavras, este fantasma originário, é uma abertura elaborativa, à sedução originária. O fantasma propriamente dito de sedução do pai aparece-nos como um caso particular, como a

expressão de um momento singular, no movimento que desenvolve o fantasma da pedofilia homossexual do pai (Denis, 1993). A origem do fantasma da pedofilia, descobre o enigma do começo do amor. Hipótese que não pode ficar em suspenso, se a questão completa a sua integração, aos quatro grandes eixos que estruturam os fantasmas originários “clássicos” e os temas que estes colocam em cena. Como sendo, a origem do indivíduo; o surgimento da sexualidade; a diferença entre sexos; a questão da imortalidade, ou seja, a cena primitiva; sedução; castração e retorno ao ventre materno (Chabert, 1993).

A sexualidade com o pai é antes de tudo fantasmática, “inventada”, e situada num registo de idealização. Com efeito, a criança constrói as suas imagens maternas e paternas em retribuição das experiências que elas viveram na realidade com os pais um ou outro. Nos primeiros tempos, o objecto paterno tem a função de dar o ideal, a actividade fantasmática, e a actividade de pensar. O fantasma do retorno ao ventre materno comporta a representação de um coito com a mãe, eliminando a presença interna do pai, que leva às origens do funcionamento mental, que se inscreve num registo neurótico. A construção dos derivados do fantasma da cena primitiva, efectua-se em função do sujeito, que se vai situar nos dois protagonistas parentais. A mãe movimenta-se em torno da possessão, que contorna o Édipo originário, relativamente ao pai abre-se o domínio do Édipo “negativo”, e da homossexualidade (Assou, 1989).

A função paterna permite a triangulação no psiquismo, e depois a diferenciação numa unidade separada. Esta especificidade, está ligada à diferença entre sexos, e à proibição do incesto, que rege as sociedades humanas (Ody, Smadja, 1985). O pai é também responsável pelo estabelecimento de uma relação mais erotizada entre a mãe e a criança onde esta se sente excluída da relação do casal e que ele recusa (Gijsegheem, Tardif, 1999). Mijolla (1975 citado por Ody, Smadja, 1985) revela-nos um exemplo sobre a importância do determinismo do fantasma da identificação inconsciente de A. Rimbaud ao seu pai, em particular a mudança que se opera neste artista, renunciando à poesia, após a ruptura com Verlaine. Ele orienta-se para a vida vagabunda, e as suas actividades vão na direcção que evoca mais a mais a vida de seu pai, sobretudo para a área militar. Este morre no dia de aniversário da morte do pai (Ody, Smadja, 1985).

Estudos actuais sublinham a importância da procura do pai, e da função paterna, no desenvolvimento e funcionamento mental (Ody, Smadja, 1985). Outros estudos, revelam que danos mais importantes relativamente à carência do pai desenvolvem-se na idade dos 4-5 anos, que leva a uma frequência de comportamento agressivo, e de delinquência, e a um fraco investimento em sectores cognitivos, e distúrbios da personalidade etc. (Ody, Smadja, 1985). A maior parte dos estudos vai no sentido de provar que o pai tem um papel activo na orientação e definição do tipo sexual (Malpique, 1984). De um modo geral, os autores concluem, que o

importante na identificação com o pai, é a qualidade da relação, que o pai estabelece com os filhos de ambos os sexos. Verifica-se que a ausência do pai, tem consequências mais marcadas nos rapazes e quando se dá em idades mais precoces (Malpique, 1984).

Como já verificamos a identificação nos indivíduos perversos, mais especificamente nos pedófilos têm algumas particularidades que seguidamente abordaremos.

### ***1.3. Identificação (ou a falta dela) nos pedófilos***

É sabido que a formação da identidade principia quando acabam as identificações do passado (Erickson, 1956; citado por Cordeiro, 1988), Chasseguet-Smirgel, (1988) indica-nos que “É esta dependência da criança pequena em relação à sua mãe, indispensável à sua sobrevivência, que provoca, como sabemos, a constituição de uma imago materna onipotente. À medida que a criança se desenvolve, adquire através da sua maturação psicofisiológica e das suas identificações, uma autonomia cada vez maior.” (Chasseguet-Smirgel, 1988 p.38), o que não se verifica nos pedófilos. O objecto não é conhecido como sendo o objecto vindo do exterior, instaurando-se o sujeito nele (Roussillon, 1993).

O futuro pedófilo tem medo das situações de intimidade, caso elas representem uma ameaça de aniquilamento, da fusão com a mãe. (Greenacre, 1953). Nesta relação fusional os processos de separação individualização não podem ser operantes. O perverso é confrontado com angústias extremamente puníveis, uma vez que tem medo de perder uma identidade e a sua vida, tendo que encontrar soluções para sobreviver. (Haesevoets, 2003).

Para Chasseguet-Smirgel, (1988) é através do conceito de angústia que esta teoria do Édipo se esboça. A teoria Freudiana da angústia de 1926 mostra-nos que a origem da angústia está na reacção a um estado de perigo. Tem como fundamento uma elevação do nível de excitações, que provoca desprazer e acções de descarga visando aliviar a tensão. Mais tarde a angústia vai reproduzir-se quando da tensão do objecto, na medida em que esta ausência é a origem de uma situação de perigo provocando o momento da tensão da necessidade, portanto das excitações e do desprazer: a ausência do objecto significa ausência de satisfação. Todas as situações de angústia podem ser ligadas à angústia de separação. A angústia de castração da fase fálica é perigo de “separação do órgão genital”. (Chasseguet-Smirgel, 1988 ).

O pai está ausente ou é denegrido pela própria mãe (Haesevoets, 2003). Parecendo verificar-se uma ausência da figura paterna. (Ody, Smadja, 1985). Para eles, uma perturbação da relação de objecto, na fase pré-edípiana, será acompanhada de uma exacerbação de componentes narcísicas, e agressivas, acompanhadas de uma angústia de castração e de um sentimento de culpabilidade edípiana (Greenacre, 1953). Parece verificar-se uma tendência do perverso à abrasão da dupla diferença entre os sexos e as gerações. Na verdade, busca a abolição de todas as diferenças constituintes da realidade. Que este retorno ao indiferenciado e, ao caos precedente à introdução da separação, da divisão, da distinção, da nominação, da lei paterna, seja própria à fase sádico-anal à qual o perverso regride (Chasseguet-Smirgel, 1988).

Na vida sexual, do pedófilo, Freud (citado por Haesevoets, 2003), defende que “o ponto mais precioso do sistema narcísico, esta imortalidade do Eu que a realidade deita por terra, encontrou um ponto seguro refugiando-se na criança. O amor dos pais não é mais do que o seu narcisismo que renasce metaforicamente”. O abusador projecta assim o seu narcisismo invasor sobre a criança, para a entorpecer numa imortalidade toda - poderosa (Haesevoets, 2003).

Na perspectiva analítica, o mito e/ou fantasma da pedofilia induz numa dupla corrente de construção e de interpretação: numa, a via do narcisismo, do fantasma da eterna juventude, do amor originário; na outra, o desvio versus transgressão sexual e a perversão pela negação da diferença e abolição da angústia de castração (Chabert, 1993). Freud vai ao contrário, como vimos, ligar a angústia de castração à angústia de não poder retornar ao corpo materno e, na carta 1924, já liga o desejo de retorno ao seio da mãe ao desejo de incesto. Ao mesmo tempo, o pai, obstáculo diante deste duplo desejo, é identificado à própria realidade. (Chasseguet-Smirgel, 1988). A passagem ao acto sexual sobre a criança, reproduzirá a própria actividade, que ameaça o abusador depois da infância, e que lhe permite não perder o sentimento de onipotência narcísica. Na passagem ao acto pedófilo, este substitui por uma mentalização impossível, ou por uma tentativa inadequada de colocar em prática os conflitos intra-psíquicos profundos (Haesevoets, 2003). Parecendo que o que está em causa nestes homens seria um estado de impotência total, que surge através de um movimento de identificação primária, num dado momento à vista de uma criança (Balier, 1992), subjugando-a às suas atrocidades, que ele pensa, ou verbaliza ser o melhor para a mesma.

É sabido que a grande viragem no processo de identificação dá-se durante o complexo de Édipo, dir-se-ia que a edipificação (ou seja, a capacidade de reconhecer o outro e portanto simbolizar), está imanente à organização psíquica. O que confere verdadeira originalidade à identificação edipiana, é que esta exige uma mudança de objecto, deixa de ser com o objecto de desejo (neste caso a mãe), para se fazer com quem possui o objecto (o pai). No desenvolvimento normal, o pai seria, o agente de mudança sentido como estranho, que lhe tira a exclusividade da relação com a mãe (Malpique, 1984). Contudo, observa-se uma preeminência de uma imago materna fálica, potente e ambissexual, e o pai um prolongamento desta (Balier, 1992). Sabe-se também que para Freud a noção de perversão seria uma defesa para o complexo de Édipo mal resolvido (Kernberg, 1945), o que levaria a que a separação individualização com a mãe, sentida como simbiótica, não pareça ter ocorrido na sua plenitude, pois a relação com a mãe é entendida como ameaçadora e invasora (Haesevoets, 2003).

O pai no desenvolvimento “normal” de uma criança é descrito como sendo uma figura de elevada importância, tem a função de dar o ideal, a actividade fantasmática, e actividade de pensar

(Assoun, 1989), bem como permitir a triangulação, e posteriormente a diferenciação, numa unidade separada (Ody, Smadja, 1985). É a partir dele que a criança se depara com a mudança de objectos, ou com a diferença de modelos. É o pai que irá mediar a relação mãe-filho, que introduz a distância, a diferença, e a frustração (Malpique, 1984).

Chasseguet-Smirgel, (1988) indica que “Levando estas teses até às suas últimas consequências, pode dizer-se que na teoria Freudiana do Édipo o pai é mais o objecto do menino que da menina. Do monismo sexual fálico decorreria, para ela, a inveja do pénis. Pois o conceito Freudiano implica que entre a descoberta da existência do pénis pelo menino, descoberta anterior ao complexo de Édipo, e a puberdade, momento da descoberta da vagina, a menina é apenas um castrado que possui um pénis truncado: o clítoris. Este facto faria com que se afastasse da mãe que não lhe deu um pénis e a precipitaria no Édipo para obter do pai o órgão cobiçado. Na melhor das hipóteses, a sua inveja transformar-se-ia em desejo de ter um filho, do sexo masculino de preferência. O desejo sexual da mulher pelo pénis é inteiramente subordinado à sua inveja narcisista. (Chasseguet-Smirgel, 1988).

Contudo, como verificámos, a triangulação não é adequadamente resolvida e a diferenciação numa unidade separada também não existe, porque continua a existir uma simbiose na relação com a mãe. No pedófilo, o pai falhou nas suas regras parentais e é percebido como um indivíduo separado, hostil ou indiferente (Limentani, 1991). A indisponibilidade do pai, priva a criança de um modelo de identificação secundário válido, sendo o modelo de identificação primário, somente o da mãe (Glasser, 1986). Levantam-se aqui algumas questões: de que forma é que esta identificação que vai de algum modo impulsionar o complexo de Édipo e consequente diferenciação falhou? Ou seja, o que falhou neste identificação edipiana com o pai para que o complexo de Édipo não fosse resolvido, e por sua vez, a relação do sujeito com a mãe se mantenha simbiótica? Será por ter existido uma falha na identificação com o pai que posteriormente o perverso não faz verdadeiras identificações?

A fantasia de voltar ao corpo da mãe após ter destruído os obstáculos que dificultam o seu acesso é assim mais fácil de evidenciar no perverso, que não conhece o horror sagrado do retorno ao idêntico. Convém acentuar que a matriz arcaica do complexo de Édipo, pode reencontrar-se no Édipo evoluído e no próprio mito edipiano. O sujeito “edipiano” do sexo masculino não procura afastar a dimensão paterna genital, mas procura conquistá-la através da identificação. Esta implica projectar o seu narcisismo sobre o pai, o seu pénis e a genitalidade. Este processo acompanha-se de uma capacidade para esperar a satisfação, para adiar e para aceitar, afinal de contas, objectos substitutos e satisfações simbólicas. (Chasseguet-Smirgel, 1988).

Verifica-se que o pedófilo “usa” a criança, para que através desta consiga alcançar o retorno à sua experiência primitiva, pois o sujeito, vê na sua vítima, aquele que gostaria de ter sido, ou que foi de facto (Félix, 2003), sugerindo-nos que usa assim a criança para colmatar a falha/ausência do pai aquando a triangulação. O que leva novamente a levantar mais questões: advirá daí a telescopagem entre objecto danificado e objecto salvador? Em que o pedófilo, queria também ter sido “salvo” pelo pai, desta mãe invasora, intrusiva, e ameaçadora com a qual sempre teve de manter uma relação simbiótica, (tal como pensa estar a fazer com a criança)? É por todos estes motivos, que o presente trabalho tem como objectivo o estudo da identificação dos pedófilos ao paterno.

## 2. Objectivos

Após verificarmos que os trabalhos teóricos efectuados na área não contemplavam a questão da identificação ao paterno neste tipo de populações, conceptualizámos este como objectivo do presente estudo.

Alguns estudos revelam a existência de uma fragilidade no processo de identificação pré-Edípiano, e este faz com que não ocorra o Édipo, pois sabe-se que a grande viragem no processo de identificação dá-se durante o complexo de Édipo. Dir-se-ia que a edipificação (ou seja, a capacidade de reconhecer o outro e portanto simbolizar), está imanente à organização psíquica. O que confere verdadeira originalidade à identificação edipiana, é que esta exige uma mudança de objecto, que deixa de ser com o objecto de desejo (neste caso a mãe), para se fazer com quem possui o objecto (o pai). No desenvolvimento normal, o pai seria, o agente de mudança sentido como estranho, que lhe tira a exclusividade da relação com a mãe (Malpique, 1984). Contudo, nestes sujeitos o pai está normalmente ausente, o que faz com que a separação individualização não ocorra. Levanta-se então uma questão: Estamos a falar de um Édipo que não ocorre e que impossibilita estas identificações? Ou de um Édipo que ocorreu, mas que, ao ficar mal resolvido, a separação individualização do individuo com a mãe não ocorre? É também sabido que no pedófilo o pai falhou nas suas regras parentais, e é percebido como um individuo hostil e indiferente, em que esta indisponibilidade do pai priva a criança de um modelo de identificação válido, sendo o modelo de identificação somente o da mãe. A diferenciação eu/outro não está constituída nestes sujeitos, para tal estudaremos a **Identidade e a Identificação**.

Sabe-se que estes sujeitos não fazem distinção nem de sexos nem de gerações, ou seja, mais uma vez não chegaram a atingir/resolver o Édipo de forma a fazer esta distinção. Na perspectiva analítica, o mito e/ou fantasma da pedofilia induz numa dupla corrente de construção e de interpretação: numa, a via do narcisismo, do fantasma da eterna juventude, do amor originário; na outra, o desvio versus transgressão sexual. Verificaremos a forma como o sujeito percepção o **Masculino e o Feminino**, como a existência ou não da **Angústia de Castração**. Que Freud relacionou com a angústia de não poder retornar ao ventre materno, indicou-nos também que à ameaça de castração, a criança renuncia ao incesto. Esta está associada ao fantasma que constitui nas teorias sexuais infantis, uma tentativa de resposta ao enigma posto à criança pela diferença anatómica de sexos, esta encontra-se sobre diversos símbolos entre eles a inveja do pénis, o tabu da virgindade e os sentimentos de inferioridade.

Por último a literatura indica-nos a existência nestes sujeitos de uma preeminência de uma imago materna fálica, potente e ambissexual, e o pai um prolongamento desta, o pai está ausente ou é denegrido pela própria mãe. Observaremos a forma como o sujeito percepção a **Representação da autonomia ou dependência da relação.**

Para tal utilizaremos o Rorschach como instrumento, para os seguintes objectivos específicos: *Identidade e Identificação, Representação do masculino e do feminino, Representação da autonomia ou dependência da relação.*

### **3. Modelo de estudo:**

A abordagem qualitativa no estudo da subjectividade volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjectividade, e não tem como objectivos a predição, a descrição e o controlo (Rey, 2000). Os estudos qualitativos, são exploratórios e de natureza indutiva (Trochim, 2001). A pesquisa qualitativa não corresponde a uma definição instrumental, é epistemológica e teórica, e apoia-se em processos diferentes de construção de conhecimento, voltados para o estudo de um objecto distinto da pesquisa quantitativa tradicional em psicologia. (Rey, 2000).

Um dos elementos essenciais na definição de qualitativo é o seu carácter oculto à evidência. A qualidade dos fenómenos, a diferença de como é interpretada por muitos dos representantes do paradigma qualitativo, que atribuem aos métodos qualitativos um carácter descritivo e aos processos de produção de conhecimento, a partir deles, um carácter indutivo (Rey, 2000). A investigação qualitativa é um trabalho de proximidade e interactivo, dado que exige o contacto face a face com um indivíduo, com um grupo, ou a observação do contexto natural. O que permite desenvolver uma ideia aprofundada do modo como as pessoas pensam, sentem, interpretam, experimentam os acontecimentos em estudo. É um método especialmente apropriado quando o investigador que pretende ter uma compreensão aprofundada do fenómeno em estudo, ou quando pretende desenvolver conhecimentos, ou teoria numa nova área (Ribeiro, 2007).

Quando se trata de pesquisa qualitativa, surge um sem número de preocupações, objecções, contradições entre os pesquisadores. Uma das polémicas mais comuns relaciona-se à inseparabilidade do qualitativo e do quantitativo. Isso implica que, ao utilizar-se o termo qualitativo, se continue a fazer a divisão mecanicista entre os dois momentos da construção do conhecimento, dessa vez convertendo em absoluto o momento da qualidade (Rey, 2000). A definição do nosso objecto de estudo em termos qualitativos está associada à natureza ontológica, que, ao definir-se em termos de sentidos subjectivos, e processos de significação, conduz à definição de unidades complexas para o seu estudo, qualitativamente diferentes às usadas na epistemologia quantitativa. O que faz com que a possível complementação dessas formas de conhecimento tenha de ser profundamente estudada, pois é uma questão teórica e epistemológica, não metodológica (Rey, 2000).

A avaliação da qualidade da investigação qualitativa é determinante para a sua utilidade. Esta investigação mal utilizada torna inadequadas as conclusões do estudo. Lincoln e Guba (1995

citados por Ribeiro, 2007) propõem os seguintes critérios para avaliar a investigação qualitativa: *Credibilidade*, que significa a confiança nos processos e nas conclusões; *Transferibilidade*, que expressa em que medida as conclusões se limitam aquele contexto ou são passíveis de ser aplicados a outros grupos ou contextos; *Fidelidade*, expressando a concordância na categorização ou codificação ou a fidelidade das conclusões do estudo; *Confirmabilidade*, para referir que os procedimentos podem ser formalmente auditados e confirmados por revisores independentes (Ribeiro, 2007).

Todo o conteúdo da experiência aparece subjectivado em configurações, pelas quais adquire sentido subjectivo na sua integração com outros estados dinâmicos. Essa integração não é uma soma aditiva dos elementos que a integram, mas um novo momento qualitativo, que se define pelo seu funcionamento e sentido subjectivo, dentro dos estados dinâmicos comprometidos com a sua aparição (Rey, 2000).

A subjectividade tem sido, com frequência, o termo reservado para os processos que caracterizam o mundo interno do sujeito, que na sua condição subjectiva, tenha sido claramente elaborado teoricamente (Rey, 2000). A subjectividade individual é determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjectivo, e sim num processo de constituição, que integra de forma simultânea as subjectividades: social e individual. O indivíduo é um elemento constituinte da subjectividade social e, simultaneamente, constitui-se nela (Rey, 2000). A subjectividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjectivos, produzidos na vida cultural humana (Rey, 2000). A subjectividade é um sistema processual, plurideterminado, contraditório, em constante desenvolvimento, sensível à qualidade dos seus elementos actuais, o qual tem um papel essencial nas diferentes opções do sujeito (Rey, 2000). Esta permite situar os conteúdos psíquicos parciais e fragmentados que constituíram o objecto da psicologia, por um longo tempo, em momentos de processos mais abrangentes e complexos, que se articulam de formas diversas na organização subjectiva. (Rey, 2000).

A definição qualitativa da investigação, do diagnóstico e das práticas psicológicas é uma opção epistemológica, teórica e ideológica diante das práticas quantitativas dominantes na psicologia (Rey, 2000).

Os estudos qualitativos são extremamente variados, as informações podem ser capturadas de variadíssimas formas: observação directa, análise de conteúdos, estudo de caso (Trochim, 2001). O estudo de caso é um estudo individual específico, ou um contexto específico. (Trochim, 2001). Um caso pode ser simples ou complexo. “Um estudo de caso é o processo de aprendizagem sobre o caso e o produto da sua aprendizagem”. (p.240) (Stake, 1994). O objectivo do estudo de caso, não é perceber um constructo ou um fenómeno genérico, o propósito não é

construir teoria. O estudo de caso procura o que é comum e o que é particular num caso, mas regularmente o resultado final, mostra-nos somente o que é único (Stouffer, 1941). E o que é único estende-se para: a natureza do caso; o enquadramento histórico; o setting físico; outros contextos incluindo o económico, político, legal; e outros casos onde este se consegue rever o caso em estudo (Stake, 1994).

Para alguns autores a metodologia do estudo de caso é apresentada como o estudo do particular. Alguns sociólogos escreveram sobre o estudo de caso, indicando que este se focaliza no individual, não importando as generalizações para extrapolar para a generalidade da população. Enfatizando que este era uma tipificação de outros casos. (Stake, 1994).

Campbell, (1975 citado por Stake, 1994) indica que o estudo de caso pode usualmente ser visto como um pequeno passo em direcção a uma generalização, não podendo esta ser utilizada em todos os estudos. O estudo de caso procura escolhas estratégicas, para decidir a quão grande e longa, é a complexidade do caso que poderá ser estudado. (Stake, 1994).

Freud desenvolveu o estudo de caso em indivíduos, que serviu de base para a teoria da psicanálise, e Piaget utilizou o estudo de caso em crianças, para estudar as fases de desenvolvimento (Trochim, 2001). O propósito do estudo de caso não é representar o mundo, mas representar um caso. (Stake, 1994).

#### **4. O Método Rorschach**

Ao inscrevermos o Rorschach no modelo psicanalítico, devemos estabelecer uma formulação do material que é proposto ao sujeito, e este deve ser considerado, como um objecto que deve ser investido, identificado e nomeado de Outro; de mancha ele passa a imagem, que, por sua vez, passa à palavra, ao conceito, ao símbolo. Para Marques (2001), "...as manchas, que não são identificadas enquanto tal, são designadas a partir das significações que dela emanam" . Para a sua formulação apoia-se no teste de associação de palavras de Jung, na Fenomenologia e nos conceitos psiquiátricos da época. Nestes, sustenta-se não tanto em Kraepelin, mas, sobretudo nas ideias desenvolvidas por Bleuler respeitantes á descrição e importância dos afectos na doença mental.

O teste é constituído por dez cartões, apresentado cada um, uma mancha de tinta de cores, que podem ser: preto e branco; preto, branco e vermelho; ou pastel. A mancha é construída à volta de um eixo central, conferindo ao cartão um carácter simétricos, que, por sua vez, pode ser unilateral ou bilateral. Cada cartão pode apresentar conteúdo manifesto, que é aquele que é directamente observável, pela dimensão estrutural do próprio cartão, e um conteúdo latente, que é aquele que está implícito a cada um dos cartões, e que é revelado pela sua dimensão simbólica (Chabert, 1997/1998). Os cartões são apresentados pela sua ordem e individualmente, é dada uma instrução que apela ao duplo convite projecção/percepção. Neste estudo seguiu a instrução dada por Chabert (1997/1998): "vou mostrar-lhe 10 cartões e vai dizer-me tudo aquilo que eles o fazem pensar, o que pode imaginar a partir destes cartões". Esta instrução permite, uma referência ao relacional, que se estabelece através de três termos: sujeito-teste-clínico, a solicitação perceptiva e projectiva, e a limitação da prova aos 10 cartões que se contrapõem ao apelo de "dizer tudo".

As manchas que apresentamos ao sujeito, constituem-se como uma impressão sensorial, que deverá ser organizada com recurso à percepção que, no Rorschach, tem ao mesmo tempo elementos precisos da realidade externa, elementos que apresentam, por um lado, um carácter de estabilidade, pelas suas características estruturais e sensoriais, mas, por outro lado, apresentam um carácter inquietante e desestabilizador, pelo desconhecido do seu significado (Marques, 2001). Os objectos figurados nos cartões são identificados como figuras banais, ao mesmo tempo que são investidos de um cenário fantasmático, de um sistema de representações e de afectos, em que a conotação subjectiva, e a presença ao domínio da ilusão, são admitidas pelo sujeito. A natureza da

instrução favorece o apelo do pensamento, no sentido em que solicita a integração de uma realidade externa, a partir de um material ambíguo, em que as imagens e os cenários não estão representados (Chabert, 1997/1998).

A percepção permite aceder a um novo objecto, através de um processo de criação. Esse novo objecto, que não é nem interno nem externo, é o resultado de um processo de união e de integração de dois mundos assimilados, e separados em comunicação, é procura de novas significações que possam ser colocadas em novas relações continente - conteúdo, ou seja, os objectos podem ser contidos, transformados criados e reunidos, para que se restaure o equilíbrio e se abram as vias de significação e do conhecimento (Marques, 2001).

É através das qualidades perceptivas da mancha, que podemos estabelecer as qualidades psíquicas que, por sua vez, podem ser alvo de uma análise. Uma das dimensões fundamentais do material Rorschach é a simetria, outra o valor simbólico. A simetria é uma característica perceptiva do material, que lhe confere coesão e harmonia, embora seja uma harmonia inquietante, porque é desconhecida. Na vida mental existe, a coesão, e a harmonia, a unificação e a integração, o desconhecido e a dispersão como elementos fundamentais presentes no crescimento e do desenvolvimento das relações (Marques, 2001).

A situação Rorschach leva o sujeito a operar um movimento de articulação entre o que é da ordem do seu mundo interno e o que é da ordem do seu mundo externo, no qual está presente a transformação e a ligação destes dois mundos que, ao serem (re)criados, são comunicados ao outro sob a forma de uma resposta. (Marques, 2001)

Da ambiguidade do estímulo (a atribuição de uma resposta subjectiva a uma instrução objectiva), resulta uma situação que é considerada como traumática; no decurso da interacção entre o sujeito e o meio (sujeito – examinador) gera-se uma tensão e a necessidade de a eliminar. Finalmente a a situação Rorschach é considerada como uma situação catastrófica (no sentido de Bion), desencadeando-se no sujeito um sentimento de caos psíquico (Marques, 1992).

## 5. Procedimentos de análise

Os procedimentos de análise centram-se nas questões da identidade e da identificação; da representação do masculino e do feminino; da representação da autonomia da dependência da relação e na angústia de castração.

Relativamente à **identidade e identificação**, estão relacionadas com a questão do complexo de Édipo, e com a existência de uma fragilidade do processo de identificação pré-édipiano, ou com a ideia do complexo de Édipo mal resolvido. No Rorschach iremos verificar este constructo através: *Objectos inteiros* (apreensão global da boa qualidade formal), *objectos fragmentados* (apreensão global da má qualidade formal), *objectos internos* (conteúdos de anatomia sangue, de abstracção e de simbolização), e os *objectos externos* (descrição do objecto real).

A **representação do masculino e do feminino**, será analisada tendo por base a negação da diferença de sexos, e a negação da diferença de gerações. Como tal através do Rorschach teremos que verificar o *Masculino* (referência ao masculino, figura humana ou animal, inteira ou parcial), o *feminino* (referência ao feminino, figura humana ou animal, inteira ou parcial), o *feminino/masculino* (referência ao feminino e ao masculino em simultâneo, figura humana ou animal, inteira ou parcial), a *figura Humana* (sem referência sexual inteira ou parcial, não é identificado o sexo da figura humana), e a *figura Animal* (sem referência sexual inteira ou parcial, não realização de identificação através das respostas animais). Nas *cinestésias* pode também surgir uma identificação sexuada do masculino (quando aborda imagens hipervirís, e estérotipos fálicos) e do feminino (quando aborda imagens de fraqueza masochista com a erotização extrema da impotência).

A ideia da fusão com a figura materna e do pai um prolongamento desta figura materna serão o ponto de partida para a análise das questões ligadas com a **autonomia ou dependência da relação**, que no Rorschach constataremos por meio da *Imago materna* (objectos com valor de conteúdo maternal), e da *Imago paterna* (objectos com valor de conteúdo paternal, representação fálica e/ou pulsional). Por último a **angústia de castração**, e a abolição da mesma, através da *renúncia ao incesto* e *retorno ao ventre materno* (através de conteúdos como por exemplo túnel), afectos dados à mínima, reforço das defesas e preocupação de colagem à realidade do estímulo.

Objectivos		Procedimentos
<b>Identidade e identificação</b>	<p>* Fragilidade do processo de identificação pré-edipiano</p> <p>Ou</p> <p>* Complexo de Édipo mal resolvido (dado que a perversão é uma defesa contra este Édipo mal resolvido).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objectos inteiros (apreensão global da boa qualidade formal <i>ex:: G F<sup>+</sup></i>)</li> <li>- Objectos fragmentados (apreensão global da má qualidade formal <i>ex: G F<sup>-</sup></i>)</li> <li>- Objectos internos (conteúdos de anatomia sangue, de abstracção e de simbolização <i>ex: Hd, Ad, Anat</i>)</li> <li>- Objectos externos (descrição do objecto real)</li> </ul>
<b>Representação do Masculino e do Feminino</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Negação da diferença de sexos</li> <li>* Negação da diferença de gerações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Masculino (referência ao masculino, figura humana ou animal, inteira ou parcial <i>ex: cartão II</i>)</li> <li>- Feminino (referência ao feminino, figura humana ou animal, inteira ou parcial <i>ex: cartão III</i>)</li> <li>- Feminino/Masculino (referência ao feminino e ao masculino em simultâneo,</li> </ul>

		<p>figura humana ou animal, inteira ou parcial <i>ex: cartões II ou III)</i></p> <p>- Figura Humana (sem referência sexual inteira ou parcial, não é identificado o sexo da figura humana)</p> <p>Figura Animal (sem referencia sexual inteira ou parcial, não realização de identificação através das respostas animais <i>ex: cartão IV)</i></p> <p>- <i>Cinestésias</i> pode também surgir uma identificação sexuada do masculino (quando aborda imagens hipervirís, e estérotipos fálicos) e do feminino (quando aborda imagens de fraqueza masochista com a erotização extrema da impotência)</p>
<p><b>Representação da autonomia ou da dependência da relação</b></p>	<p>* Fusão com a figura materna</p> <p>* Pai prolongamento da figura materna</p>	<p>Imago materna (objectos com valor de conteúdo maternal <i>ex: cartão VII)</i></p> <p>Imago paterna (objectos com valor de conteúdo paternal, representação fálica e/ou pulsional <i>ex: cartão IV)</i></p>

<p><b>Angustia de castração</b></p>	<p>* <i>Renúncia</i> ao incesto e * Retorno ao ventre materno</p>	<p>- Existência ou não da angustia de castração (que pode ser verificada por exemplo através de conteúdos como por exemplo túnel)</p> <p>- Afectos dados à mínima, reforço das defesas e preocupação de colagem à realidade do estímulo.</p>
-------------------------------------	---	--

## 6. Sujeitos

Para este estudo, vamos observar a identificação ao paterno em dois sujeitos que se encontravam reclusos (à data da recolha dos protocolos), pelo crime de Abuso Sexual de Menores Dependentes, num estabelecimento prisional da zona de Lisboa.

O primeiro sujeito chamemos-lhe Carlos tem 56 anos, tem o 9º ano de escolaridade, era electricista de profissão, o que nunca gostou, gostava de ter sido engenheiro aeronáutico. Carlos tocava guitarra em conjuntos de baile. O seu estado civil é casado apesar viver separado há 30 anos, e de apenas ter estado casado e a viver com a mulher um ano, desse casamento surgiu um filho que se afastou dele, após este ter sido recluso. O pai de Carlos sempre foi um homem ausente. Carlos teve uma relação muito próxima com a sua mãe até à data da sua morte (já ele estava recluso). Diz que o que mais lhe custou foi ter perdido o respeito dos pais após ter sido preso.

Quanto ao crime “ *O arguido Carlos admite na parte essencial os factos que lhe dizem respeito, afirmando que só no caso de uma das vítimas, e com mais nenhuma das outras utilizou o pénis*”.

O segundo individuo, que chamamos de José, tem 55 anos, 6º ano de escolaridade, e tinha como profissão mecânico da construção civil. Foi para um País estrangeiro aos 2 anos de idade veio para Portugal já adolescente. O pai ficou por lá e constituiu nova família, automaticamente ele cortou laços com a nova família. O pai era visto por ele como ausente, rígido, proibitivo e autoritário, e a mãe como muito controladora.

Quando veio para Portugal foi para casa da mãe, local onde se sentia mal (segundo o José), foi morar para junto de um casal amigo com o qual não tinha qualquer tipo de relação. Através deste casal conhece a primeira mulher, existiram conflitos com o filho dela e não só, pois indica que nunca sentiu nada por ela “*só me casei porque estava na idade de casar*” (aos 30 anos), através dela conheceu a religião e depois divorciaram-se. Esteve 10 anos sem tocar numa mulher, segundo ele “*também não me fez falta*”, sofre de disfunção erétil, e a sexualidade é vivida como negativa, tem dificuldade nas relações afectivas e sexuais pensa que o “*sexo é porco*” desde sempre, não é para ele bem visto este contacto com a figura do sexo oposto.

Posteriormente conheceu a actual mulher, com a qual tem uma relação próxima, desde há três anos antes de ser recluso, embora sem contacto íntimo (ou seja, sem relações sexuais). Onde se sente integrado é na organização, e é lá que tem os irmãos.

Quanto ao crime José não admite a totalidade dos factos.

## 7. Análise dos Rorschach

### 7.1. Carlos: Análises

#### **7.1.1. Análise Cartão a Cartão Rorschach Carlos (ANEXO 1)**

No cartão I, Carlos defronta-se com o material, dá uma resposta que salienta a existência de um certo evitamento através da utilização do “Não sei/ Sei lá”, estas poderão também ser utilizadas por forma a fugir do material, do que ele vê, ou seja, como forma de não se confrontar com o que visualiza. Antes da prova Carlos tinha uma atitude de cooperação, contudo, quando percebe o material, torna-se agressivo e evitante, perante a prova e os seus conteúdos e isso é visível durante toda a aplicação da prova. Incide o seu primeiro contacto na simetria, que poderá ser novamente uma tentativa de fugir ao apelo do cartão, pegando apenas nas características estruturais, esta incidência poderá levantar o “pano” da existência de narcisismo, ligado com a angústia de castração que neste caso é abolida, até que se rende à resposta banal de uma borboleta. Após várias fugas ao material surge uma resposta de boa qualidade formal, contudo, ele foca-se num pormenor da borboleta, as asas, estas poderão ser interpretadas como uma forma de fugir, de voar provavelmente deste encontro entre o Carlos e o Rorschach. Fugas estas que se verificam também ao longo de todo o protocolo

No cartão II observa uma entrada, bem como um túnel, o que nos poderá fazer pensar, que este seja uma saída para o seu sofrimento. Poderá também evidenciar, uma imagem regressiva, neste caso um túnel de nascimento ou de regressão às origens, devido não só a sua imagem materna pré-edípica bem como à simbiose existente com a figura materna muito patente nos indivíduos que cometem este tipo de crimes; também poderia interpretar-se como algo sexual, mas aí colocar-se-ia a hipótese da diferença de sexos o que no Carlos não se coloca. Inicialmente Freud ligava a angústia de castração à angústia de não poder retornar ao ventre materno, se assim for verifica-se no Carlos um “esboço” desta angústia. Ainda neste cartão Carlos indica “é a minha imaginação, não sei é abstracto” parecendo existir ou um certo medo da interpretação do que está a dizer, ou que teria mais para dizer. Este ser abstracto é também muito patente em todo o protocolo, e faz-nos pensar em algo em forma concreta, a confusão, assemelhando-se esta ideia ao Carlos, também ele parece ser uma “pessoa abstracta”.

No cartão III, além do Carlos não observar figuras Humanas, vê a imagem como incompleta, apreendendo os objectos como fragmentados, mas que ele tem a capacidade de completar, incompletude esta que é bem visível em todo o protocolo e que nos reenvia para um vazio, provavelmente interior e exterior. Esta imagem incompleta que Carlos percepção, está situada no branco, e é um insecto, como ele refere: “é apenas um insecto”. Carlos não indica qual é o insecto, e faz-nos parecer que ele completou este cartão por forma a ver apenas um insecto, e a não ver relação, que parece afronta-lo.

No cartão IV Carlos volta a não responder de forma imediata, fazendo-nos pensar na existência de um choque com o cartão, começa por questionar o que é que aquilo lhe parece, e ele próprio responde fazendo-nos parecer que procura encontrar um sentido aparentemente adequado. Quando responde as respostas têm conteúdos muito regressivos como Foto e Raio-x existindo sempre confusão. Neste cartão que poderá significar uma imagem paterna o sujeito, observa como ele próprio sublinha: “algo muito difuso”, o negativo de uma foto. Tanto neste cartão, como no cartão VI o Carlos evoca uma cinestesia que nos remete para o viril, o agressivo, o que nos reporta para uma identificação ao masculino, sendo esta uma das poucas identificações sexuais presentes no protocolo do Carlos. O Raio-X de qualquer coisa, nada concreto, ambas as respostas reportam-nos para imagens a preto e branco, e não são imagens que se percebem com clareza, só com um olhar atento se conseguem perceber, só pessoas entendidas o percebem, pois o Raio-x será para um médico e um negativo de uma foto para um fotógrafo, como se estas imagens, não pudessem ser entendidas por qualquer pessoa, nomeadamente ele. Como se ele não conseguisse entender, perceber esta imagem paterna. O que poderá ser considerado de acordo com o individuo normal devido à ausência do pai em todo a sua vida. Depois dá uma resposta adicional, em que fez uma tentativa de percepção algo mais perto de uma imagem humana ou animal, imagem esta construída por um tronco, uma coluna, ombros, mas sem cabeça, ou seja, sem pensamento. A imagem que deveria ser portadora de potência, força, autoridade, e dominação, aparece aqui difusa e sem qualquer tipo de pensamento, sem cabeça.

No cartão V Carlos visualiza finalmente uma coisa concreta, que não põem em causa a sua percepção, e que não requer um esforço por parte dele da delimitação da realidade, o que é visível na sua reacção aquando visualiza o cartão: “Ah!”. Neste evoca a banalidade não deixando de lado o cariz simétrico do cartão que lhe sobressai novamente. Tal como no cartão I Carlos percepção uma borboleta em que as asas são simétricas, parecendo que apesar de não directamente a existência de um outro lado igual, está presente. Depois indica que:” dentro do desenho qualquer podia ser isso” parecendo dizer que fosse qual fosse a imagem seria esse o

desenho que iria ver, como se fosse essa a imagem que se impunha a qualquer custo, uma borboleta com asas simétricas.

No cartão VI e após um cartão que lhe proveu alguma estabilidade e algum descanso, Carlos vira várias vezes o cartão, provavelmente a tentar dar-lhe algum significado socialmente adequado, indicando mesmo que “procura dar-lhe um sentido”, existindo muito esta necessidade do Carlos, de procurar dar um sentido, de se mostrar adequado, de encontrar uma saída, ou seja, esta necessidade de preencher, de completar algum vazio, alguma lacuna existente. Contudo surgem conteúdos muito primitivos ao indicar a “pele de um animal esfolado”, “uma pele arrancada e colocada a secar”, parecendo-nos que existe uma ténue semelhança com a ideia de que ele tem de si próprio, e que o corpo dele envelhece, “seca”, mas nada indica do seu interior, parece que o interior se mantém intacto só o exterior se modifica, também poderia fazer-se uma analogia a Alice no País das Maravilhas, em que ao longo de toda a história ela se mantém e apenas o seu corpo se altera, o seu interior, os pés etc. Sabendo que existe uma importância de contactos sensoriais no estabelecimento do envelope corporal e no suporte de relações objectais, neste envelope dado por Carlos não existe interior, existe apenas uma pele a secar, envelope sem conteúdo. Depois Carlos indica que este tem cauda, o que faz novamente uma referência a uma figura animal e novamente parcial.

Vira várias vezes o cartão VII, e indica que o mais interessante para ele será a imagem que está por dentro, o branco, o depressivo, reactualizando no aqui e agora da aplicação, qualquer coisa da ordem da carência afectiva. Este branco tão saliente neste cartão, poderá surgir num registo de angústia de castração secundária na dificuldade de ser confrontado com a ferida imposta, simultaneamente pelo reconhecimento da diferença de sexos e pelo sentimento de impotência na situação Edipiana, diferenciação esta de sexos que não existe bem como esta situação Edipiana não terá sido resolvida pois segundo Freud a perversão seria uma defesa para um Édipo mal resolvido. Parecendo-nos também que neste cartão, que remete normalmente para o materno, a centração neste branco inscreve-se essencialmente na ideia de um materno depressivo, que neste caso poderá advir deste busto, a cabeça que ele vê, que ao contrario da imagem que ele vê, que poderia significar o pai, não tem cabeça, esta é apenas uma cabeça, o que coloca em relevo a ideia do pai ser apenas um prolongamento da mãe, não existindo na mãe o corpo, as mãos, o relacional, é apenas pensamento, como ele indica.” o mais interessante para mim (...) como se fosse uma cabeça”. Será então esta cabeça que lhe interessa, colocando também aqui em jogo a simbiose com esta figura materna, simbiose esta de pensamentos, ideias, que parece ser o que lhe interessa.

No cartão VIII, volta a indicar que não sabe o que lhe parece, e depois focar-se na incompletude, no diagrama algo muito esquemático, aborda novamente a simetria, mas aqui associada a três peças distintas que não encaixam, podemos fazer uma analogia com um puzzle em que as peças não encaixam ou que se encaixam e a imagem não é a correcta, parecendo esta última a mais adequada pois Carlos aborda uma simetria perfeita, mas por outro lado não encaixa, parecendo aqui existir uma clivagem. Depois observa um busto, sem cabeça, este escotoma da cabeça parece tirá-lo da relação, do que é relacional nos sujeitos, levantando novamente a necessidade de preencher a imagem, em que à volta é abstracto, isto poderá levar-nos a pensar que é um pouco como ele, quando se eleva o seu narcisismo, em que ele existe, apesar de incompleto, mas tudo à sua volta é abstracto, não tem sentido, fazendo-nos pensar no seu sentimento de solidão, e de incompreensão, ou por outro lado será nele que existe este abstracto interior. Fazendo aqui uma passagem entre algo perfeito, para algo que não encaixa e por fim a confusão, o que nos faz pensar que à medida que se apercebe dos cartões as respostas vão desabando. As respostas de Carlos têm má qualidade formal e os objectos são preponderantemente fragmentados.

No cartão IX ele utiliza um conteúdo regressivo uma flor, mas completa com cálice e pétalas, uma forma aparentemente inadequada escotomizando o detalhe inferior do cartão que a maior parte das pessoas associa a imagem de crianças, tapando-o mesmo aquando a aplicação da prova, fazendo-nos pensar que não quer ver aquela imagem a criança para ele “não tem sentido”. Este cartão associado á regressão e ao simbolismo materno pré-genital parece ser-lhe agradável reportando-nos para a ideia de que esta simbiose com a figura materna era para ele de qualquer modo agradável.

No cartão X Carlos faz um comentário dizendo que “faz-me parecer os desenhos que alguns fazem por aí, abstractos”, parecendo-nos que algo neste desenho lhe parece familiar, fazendo-nos levantar a questão serão os desenho que alguns fazem por aí que são abstractos? ou será ele e o seu pensamento que serão abstractos? mas que ele evita e indica “não faço a mínima ideia pode ser tanta coisa”, a primeira resposta vem de encontro ao tema que nos parece central em todo o protocolo que é a incompletude, o preenchimento, a falta, ele percepção a incompletude, depois vira o cartão, aborda a simetria, que parece querer esquecer, e que depois volta novamente a salientá-la, ou seja, a existência de um outro lado igual parece atormentá-lo. Abordando um pedaço da natureza, não específica, passando depois a tentar especificar e a indicar que é qualquer coisa que nasce, com um conteúdo muito regressivo como é o Natureza, depois vê um anjo a descer, anjo este que não tem diferenciação sexual, e é portador de uma eterna juventude que os pedófilos tanto querem, e este anjo vem a descer, provavelmente o

desejo desta eterna juventude que eles pretendem obter através das crianças que abusam, desça sobre ele, para que tanto o corpo como a mente se mantenham jovens. Depois vê uma peça mecânica, difusa, incompleta, nada concreta. Neste cartão observa-se uma qualquer coisa incompleta, mas que depois é para ele preenchida de tantas coisas diferentes como sendo a natureza, um anjo, e uma peça mecânica, ou seja, um vazio cheio de um nada concreto que ele acredita que o pode completar mas que não o completa.

A escolha positiva de Carlos veio de encontro ao seu modo de reacção para com o cartão (IX), indica: “este cartão estaria de acordo com a pintura”, e indica também: “são as cores que encaixam, e ideia de forma adequada”, como se fosse necessário este encaixe das cores e esta forma adequada para lhe o agradar lhe dar estabilidade, esta ideia da forma perfeita faz-nos pensar nas crianças pré-pubeberes que para eles terão a forma perfeita que eles tanto buscam. A incompletude está também presente nesta escolha um pouco como esta forma perfeita mas incompleta, na entrevista Carlos indicou que “sinto que o meu corpo envelhece mais rápido que a minha mente”, provavelmente ele trocaria o seu corpo que envelhece pela forma perfeita, por forma a completa-la.

As escolhas negativas recaem sobre os cartões VI e X. O primeiro reenvia-o para cenas vividas, a descrição que ele fez do cartão foi “uma pele colocada a secar”, esta pele colocada a secar que nos faz pensar neste corpo que morre contrariamente à cabeça, parece atormenta-lo. E no cartão X a simetria e a incompletude não lhe agradam talvez por sentir que nada consegue completar, talvez por esta incompletude ser relativa à simetria e não conseguir completar-se com um outro, talvez porque vê que a forma não é perfeita e que a panóplia de cores não encaixa.

Caminhando de encontro aos nosso objectivos verificou-se que quanto à ***identidade e identificação: Fragilidade do processo de identificação pré-edípiano, ou complexo de Édipo mal resolvido, o Carlos:***

Cartões	Objectos Inteiros	Objectos Fragmentados
I		Asas Borboleta
II		Entrada Túnel
III		Insecto incompleto
IV	Raio-X	Negativo da foto

V	Borboleta	
VI		Pele animal
VII		Busto/ Cabeça
VIII		Diagrama 3 Peças distintas Busto
IX	Flor	
X	Folhagem Anjo Peça Mecânica	Pedaço de Natureza

Figura 1 – Tabela dos Objectos Inteiros e Objectos fragmentados do Carlos

Ao longo de todo o protocolo os objectos que o Carlos aborda são predominantemente fragmentados, e a apreensão global é de má qualidade formal. Os conteúdos por ele dados são essencialmente animais e quando são humanos como acima verificamos são fragmentados. Verificam-se também conteúdos de valência regressiva tais como Natureza e abstracto. Os objectos externos são por ele descritos de forma inadequada e pouco concreta.

Quanto à **Representação do masculino e do feminino: Negação da diferença de sexos, Negação da diferença de gerações**, o Carlos ao longo de todo o protocolo não faz qualquer distinção entre géneros sexuais, nem identificações sexuais, quer em figuras humanas, quer em figuras animais, bem como não aborda a diferença de gerações. Por ultimo tendo em conta a **representação da autonomia ou da dependência da relação: Fusão com a figura materna; Pai um prolongamento da figura materna**. O Carlos faz uma abordagem quer da imago materna, quer da paterna, é efectuada preponderantemente nos cartões que a elas se referem, VII e IV respectivamente. A presença da ideia da existência de uma figura materna potente e fálica está patente no protocolo do Carlos, quando este se refere à figura materna como o busto, a cabeça, o motor do funcionamento do corpo humano. Ao Imago paterna refere-se como sendo o corpo, o tronco, como se este tronco estivesse subjugado à cabeça que é a mãe. A fusão de Carlos com a figura materna também pode ser lida sobre este prisma, em que é a cabeça e o faz mover.

Carlos aborda também a relação com uma mãe pré-edipiana no cartão II através do túnel de regressão às origens ou de nascimento, onde podemos ver surgir um ténue “esboço” da

angústia de castração. Angustia esta que não podemos constatar a sua existência pois caso existisse o sujeito faria a diferenciação sexual, o que não ocorre.

### **7.1.2. Análise Psicograma Carlos (ANEXO 2)**

Após a análise cartão a cartão, olhamos agora para o psicograma do Carlos e começamos por observar o baixo número de respostas (17), em que apenas 2 são banalidades. Relativamente aos modos de apreensão, o Carlos dá 10 respostas em G (58%), e 5 respostas em D (29,41%) Este protocolo tem um maior número de G simples o que poderia indicar qualidade perceptiva radicada na realidade, assim como capacidade criativa, contudo também, pode evidenciar uma atitude defensiva que consiste em não se aplicar numa procura mais aprofundada ou mais pessoal. Neste sentido a ausência de curiosidade face ao objecto externo que é o material pode acompanhar-se por uma ausência de curiosidade pela realidade interna do sujeito, ou pelo menos mostrar o desejo de não se entregar, nem se revelar ao outro por uma implicação mais manifesta.

A presença de D é testemunho da presença de um Ego suficientemente forte, que se submete à prova da realidade. Contudo esta presença é muito baixa e associada a formas de “má qualidade” (F-), e isso faz com que deixe de haver congruência entre o modo de apreensão e o determinante e a verificar-se um desvio que mostra a luta, entre a tentativa de domínio e o que leva ao insucesso dessa tentativa. O recorte perceptivo visa circunscrever a mancha, mas salda-se por uma submissão desorganizante às moções projectivas pulsionais e fantasmáticas. A abordagem ao Gbl na prancha III permite deixar de lado as manchas vermelhas, e portanto evitar o confronto com os movimentos pulsionais reactivados e sentidos como perturbadores e perigosos.

Relativamente aos conteúdos formais, o F % é elevado e remete para o isolamento entre duas representações ou entre representações e afecto. Contudo este elevado número de F% deve-se essencialmente a respostas F<sup>-</sup> (6 respostas), o que mantém o cunho da desadaptação, ou da inadaptação ao mundo real, o predomínio destas respostas assinalam, o desvio, as falhas profundas no real . Todos estes recortes se juntam para provar a desorganização de um pensamento desviante, que perde os seus alicerces lógicos e se deteriora face a estímulos externos. Estas podem também espelhar o insucesso de defesas rígidas que tenderiam pelo recurso ao formal, a evitar as implicações projectivas.

Uma percentagem elevada de respostas formais coloca a tónica na rigidez dos mecanismos de defesa que as suportam e que consistem, no essencial, em utilizar a realidade exterior, perceptiva e “Objectiva”, para evitar a expressão alimentada pelas pressões pulsionais e fantasmáticas. Estes aparecem neste protocolo ligados a uma angústia suscitada pela sensibilidade ao vazio que é preciso preencher a qualquer preço.

Os restantes conteúdos poderão ser verificados através da dinâmica afectiva, é do tipo intratensivo puro, quanto á ressonância íntima, ( $1K > 0C$ ) o que coloca em evidência o freio posto na expressão fantasmática e afectiva, mostra a centração em si próprio e no seu mundo interior, prevalecendo o mundo interior sobre a realidade externa, mas que se coloca também, em confronto com a formula complementar, pois esta é extratensivo misto ( $1K < 3E$ ), onde a utilização dos afectos se mostram instáveis, e a existência de falta de perspectiva na apreciação da realidade objectiva, o que faz com que o sujeito se encontre numa clara dependência face ao meio, onde procura bases sólidas.

**7.1.3. Síntese das análises...** Da análise cartão a cartão e da análise do Psicograma verificamos que devido ao baixo número de respostas, parece existir uma ausência de curiosidade face ao objecto externo (que é o material) que pode acompanhar-se por uma ausência de curiosidade pela realidade interna.

A temática mais abordada por Carlos, é a da incompletude, e da necessidade de completar este vazio existente (ex. cartão III). O valor do F% deve-se essencialmente a respostas F-, o que mantém o cunho da desadaptação, o desvio, o abstracto, e as falhas profundas no real.

A ideia do Carlos de uma imagem materna pré-edípica bem como a da simbiose existente entre o Carlos e esta imagem materna, estão muito patentes em todo o protocolo (ex cartão II). Quanto à imagem paterna Carlos define-a como muito difusa e visualiza-a apenas através de um tronco (humano) (cartão IV), por sua vez a imagem materna por ele observada restringe-se a uma cabeça (cartão VII), o que salienta a ideia do pai ser um prolongamento da mãe, temos uma imagem materna que pensa, que é a impulsionadora e uma imagem paterna que ao ser apenas o corpo apenas responde às ordens da cabeça.

No decorrer de todo o protocolo Carlos indica que “procura dar um sentido” aos cartões, mas é medida que existe um encadeamento de respostas parece que ele se esquece deste sentido, e se instala a confusão, por ex cartão VIII, ele começa por abordar a simetria perfeita (simetria esta que também aparece com alguma frequência no protocolo), para algo que não encaixa, e por fim a confusão.

Neste protocolo verifica-se uma incapacidade de perceber conteúdos humanos, imagens inteiras, coesas, nem a sexos e a gerações, bem como não existe referência nem ao masculino nem ao feminino. Estas formas são percebidas de forma parcelar e sem uma clara diferenciação de limites e/ou fronteiras. As relações não existem, uma vez que são sentidas como perigosas para o Carlos.

## **7.2. José: Análise**

### **7.2.1. Análise cartão a cartão José (ANEXO 3)**

José mostra-se desde logo com uma atitude cooperante e tranquila como se verifica ao entrar no Rorschach com uma resposta formal de boa qualidade, uma banalidade, indicando que o que estava a ver seria uma borboleta. Ao iniciar o segundo cartão José indica que “aparentemente seria uma coisa igual”, talvez como forma de fugir ao apelo do cartão, quase que indicando que os cartões seriam todos iguais, depois disso a resposta que dá é: “uma bacia”. José visualiza esta má forma no negro, e fazendo-nos pensar que ao focar-se neste negro existiu uma fuga ao branco, e à ideia de regressão ao ventre materno, à fusão com a mãe. Suscitando-nos aqui uma ideia de angústia de não poder retornar ao ventre materno, intimamente ligada à angústia de castração, o que podemos ver não será mais que um “esboço” da angústia de castração. Indica também adicionalmente outra resposta de má qualidade, “a nossa coluna”, focando-se nas duas respostas em partes do corpo. A coluna é como que o início, é algo muito primitivo, e o José foca que “é a nossa”, faz-nos pensar que apesar de tentar fugir a ideia do início desta mãe pré-genital, desta relação simbiótica, acaba por aborda-la nesta resposta adicional.

No cartão III ao identificar-se com as imagens do cartão volta a dar uma banalidade, indicando: “pintura de duas pessoas a tocar batuque”, não indicando nem o sexo nem a idade das pessoas, como se não existisse essa diferenciação quando falamos de pessoas, como se apenas de pessoas se tratasse. É também de salientar que o José não diz ver duas pessoas, mas a “pintura de duas pessoas”, identificando-se com o ideal, com o idílico, com o belo, que as pinturas possam transmitir, e não identificar-se com pessoas, identificação esta que o poderá confortar relativamente à imagem que tem de si.

No cartão IV José dá uma imagem de boa qualidade formal, “a pele de um animal esfolado”, contudo antes da resposta comenta: “imagem esquisita”, parecendo que depois de uma

imagem que lhe proveu algum conforto, com a qual se identificou, esta imagem assusta-o, neste cartão que simboliza potencialmente a imagem paterna, ele fica assustado, e depois observa nele um “envelope” aberto e danificado. Evocando aqui a ideia de um pai que de qualquer modo é para ele esquisito, todo o seu interior é demasiado visível e está danificado, o que não parece agradar ao José. No cartão V é verificado algum receio ao responder, na expressão “eu diria talvez”, e depois responde um “morcego”, a resposta banal. Fazendo-nos pensar que quando se sente mais assustado, faz uma ancoragem na realidade, de forma a manter a postura que ele tenta exibir.

No cartão VI, ele indica “um insecto esquisito”, neste cartão que em que pode ser atribuído uma tonalidade fálica, ele define-o como um insecto, não indicando qual o insecto, como se este falo de esquisito se tratasse, neste ele volta a dar uma resposta com conteúdo animal, de má qualidade e novamente sem fazer nenhuma distinção da diferenciação sexual. Esta ideia faz-nos pensar que estará muito associada à disfunção erétil e à ideia que ele tem de que as relações sexuais são “porcas”.

No cartão que representa potencialmente a figura materna (VII), José visualiza uma figura mística, algo que ele próprio parece não compreender, como ocorria com a relação que ele teria tido com a sua mãe, que apesar de ser mãe ele dizia não se sentir bem ao lado dela, e que a ia visitar apenas porque era mãe, depois especifica como se tornasse mais claro e indica: “quatro personalidades diferentes, em que as duas de cima são convergentes e as duas de baixo divergentes”, é como se o José visse uma pessoa, a mãe, mas com comportamentos, atitudes, que ora parecem convergir ora divergir, deixando-o sem saber como reagir, e sem compreender este comportamento. Esta tonalidade mística, convergente e divergente faz-nos pensar na relação confusa (para José) que existia entre ele e a sua mãe, que talvez por isso o tivesse feito sentir instável e inseguro. Por outro lado reporta-nos para a ideia da simbiose com a figura materna, e o José ser uma destas quatro personalidades, assente na base que seria a mãe que o impulsionaria.

No cartão VIII observa o cartão de lado e indica ver um animal selvagem sobre um espelho, como se tentasse ocultar a existência de um outro lado igual, em que o lado que vê é apenas um reflexo, ou seja, o outro seria o mesmo mas visto ao espelho. Esta resposta é de boa qualidade formal, depois indica que no livro da sua religião “existe uma imagem parecida”, fazendo-nos pensar que ele nos tenta indicar que tudo o que vê não tem mal pois aparece nesse Livro para ele muito importante, como que a desculpabilizar-se, ou justificar-se das suas respostas.

José no cartão IX recusa responder, indica que não sabe o que atribuir às imagens, recusando assim a regressão ao simbolismo pré-genital. Adicionalmente ele responde que é uma

figura esquisita voltada para uma outra, mas separadas, enfrentado aqui a existência de um outro que apesar de estarem voltados de frente, ele está separado. Fazendo-nos pensar nesta negação da simbiose com a figura materna, ou a relação com outros, pois ele percebe que existem, que estão voltados para ele, mas com os quais ele quer ter afastamento, distanciamento, não quer entrar em relação.

No cartão X José foca-se apenas no detalhe azul lateral “é um crustáceo”, e indica também “não vejo mais que isso”, é de salientar a existência, de uma ausência de identidade dos animais, ou seja, indica insectos, crustáceos, animais, nunca especificando que animal em particular. O crustáceo aparece-nos neste cartão como algo regressivo, um animal marinho, reportando-nos para a ideia do voltar à água, ao ventre materno, como que para colmatar a prova ele se redimisse às evidências e assume esta ligação a uma mãe pré-genital. Ideia esta que poderá ser reducionista, quando apoiada apenas neste promenor. Adicionalmente ele indica duas figuras esquisitas, novamente sem fazer referência ao tipo de figuras, e coloca novamente neste teatro a existência de um outro, ou seja, a existência de um diálogo, mas colocando o enfoque no outro esquisito. Sendo ele uma figura idílica, os outros é que seriam os esquisitos.

As escolhas positivas de José (III, VIII) recaem sobre as memórias, e se existe alguma memória com a qual o José se possa ancorar, isso agrada-lhe, também de forma a ancorar-se na realidade e no concreto. No cartão III José identifica-se com Pinturas, identifica-se com algo perfeito, como se a realidade fosse “o porto seguro” para os seus pensamentos, no cartão VIII, “um animal selvagem visto sobre um espelho”, que ele reconhece do Livro da sua religião.

Por sua vez as escolhas negativas recaem sobre dois cartões bilaterais, que aparentemente lhe causam sensações de angústia e de desconforto, indicando que não aprecia qualquer um dos dois pela configuração. O cartão IV que ele indicou como “esquisito”, ele parece querer evita-lo, provavelmente por reenvia-lo para a ideia de um pai agressivo e austero como ele o definiu na entrevista. O cartão VI, é muito carregado de implicações sexuais, implicações que o atormentam fazendo-nos pensar nalguma ligação com a impotência sexual, que ele carrega.

Sintetizando e tendo por base os objectivos que pretendíamos verificar, observou-se quanto à *identidade e identificação: Fragilidade do processo de identificação pré-édipiano, ou complexo de Édipo mal resolvido, no José*

Cartões	Objectos Inteiros	Objectos Fragmentados
I	Borboleta	
II		Bacia

III	Duas pessoas	
IV		Pele animal
V	Morcego	
VI	Insecto	
VII	Figura Mística	4 Personalidades
VIII	Animal Selvagem	
IX	Recusa	Recusa
X	Crustáceo	

Figura 2 – Tabela dos Objectos Inteiros e Objectos fragmentados do José

Os objectos percebidos pelo José são preponderantemente objectos inteiros e de boa qualidade formal. O protocolo do José contém, conteúdos regressivos tais como a bacia e o crustáceo por exemplo, remetendo estes para a ideia de um envelope precoce. Os objectos externos são descritos normalmente de forma real.

Quanto à *representação do masculino e do feminino: Negação da diferença de sexos, Negação da diferença de gerações*. O José ao longo de todo o protocolo não efectua nenhuma referencia que nos possa indicar a diferenciação sexual, quer em conteúdos humanos, quer em conteúdos animais. E por ultimo ao observarmos a *representação da autonomia ou da dependência da relação: Fusão com a figura materna; Pai um prolongamento da figura materna*. Verificamos que no José esta identificação com a figura materna ou com a figura paterna é evocada essencialmente nos cartões que têm essa valência (VII, e IV respectivamente). A figura materna é vista como mística, e com quatro personalidades que assentam numa base, o que nos poderá fazer pensar quer na ideia de confusão quer na ideia de telescopagem entre ele e a mãe, e ele estar representado numa das quatro personalidades que ele aborda. O pai seria uma figura esquisita, a ideia de esquisito, de místico de diferente, mas de uma forma mais potente vem da descrição da mãe, o que nos poderá fazer pensar o pai como um prolongamento desta imagem materna. Parece-nos existir um esboço da ideia **de angústia de castração** neste protocolo, essencialmente através da ideia de retorno ao ventre materno, contudo a diferenciação de gerações não está patente o que vem contrariar a ideia da existência de uma “verdadeira” angústia de castração.

### 7.2.2. Análise Psicograma José (ANEXO 4)

Ao entrarmos na análise do Psicograma do José constatamos a existência de um número muito baixo de respostas (10), mas em proporção um elevado número de banalidades, o que poderia desde logo fazer sobressair um fraco investimento e uma forte ancoragem ao real.

Relativamente aos modos de apreensão 6 respostas em G (60%) e 4 respostas em D (40%). Estes valores de G poderão ilustrar as capacidades existentes de inserção numa realidade objectal, e o seu aparecimento é sustentado pela referência possível com um objecto total e a apreensão de si enquanto sujeito. Esta elevação de G's relativamente aos D's reenvia para uma dependência extrema relativamente aos objectos e evidencia uma submissão à compulsão de repetição nas apreensões globais repetidas, fazendo-nos parecer que poderá remeter para uma fragilidade extrema quanto à margem de si, num esforço de globalização a qualquer preço, que não permite o menor recorte, sendo então um sinonimo de ruptura ou fragmentação.

Pensando agora nos determinantes que dizem respeito à forma, surgiram neste protocolo 9 determinantes formais (90%) 5 de boa qualidade (66,67%) e os restantes 4 de média e má qualidade. Este valor dos determinantes formais é elevado, o que coloca a tónica numa rigidez dos mecanismos de defesa que os suportam e que consistem, no essencial, em utilizar a realidade exterior, para evitar a expressão alimentada pelas pressões pulsionais e fantasmáticas; o que poderá remeter para o isolamento entre a representação e o afecto.

Relativamente aos outros tipos de determinantes podem ser pensados ao observarmos o tipo de ressonância íntima ( $1K > 0C$ ), intratensivo misto, em que o José se deixa influenciar pelo exterior, ainda que de forma comedidamente, e deixa-se levar pelas emoções, que está em confronto com a formula complementar, esta é coartada ( $0k/0E$ ) – apercebemo-nos no freio colocado na expressão fantasmática e afectiva, e da apreensão da realidade pela constatação. A ausência ou a baixa presença de k's sugere a impossibilidade de se situar na área transitiva que autorizaria o jogo potencial entre real e imaginário, a falha dos processos de interiorização e o dano da imagem de si unificada.

Pensando nos conteúdos nas 10 respostas que José dá 2 são Figuras Humanas (20%), 6 Figuras Animais (60%), esta elevação do A% poderá evidenciar uma carapaça social erigida como defesa, utilizada para evitar o contacto autêntico, a relação verdadeira. Salientando a existência de uma adaptação superficial e rígida.

**7.2.3. Síntese das análises ...** Da análise cartão a cartão e da análise do psicograma do José podemos verificar a existência de um baixo número de respostas, mas em proporção um elevado número de banalidades, o que parece salientar a existência de um fraco investimento e de uma forte ancoragem ao real.

José aborda figuras humanas, contudo não faz distinção sexual nem geracional. A existência do outro está patente no protocolo (IX), apesar de muitas vezes o considerar esquisito (X), como se o outro fosse diferente. Ao efectuar identificações parece fazê-lo com algo idílico (III) e não com este outro “esquisito” como ele o define, parecendo existir uma fragilidade extrema quanto à imagem de si.

Ao longo de todo o protocolo parece existir uma fuga à ideia de fusão com a figura materna, de regressão ao ventre materno (cartões I, IX), contudo no cartão X parece que o José se redime às evidências e assume por fim esta ligação. Relativamente à imagem paterna José define-o novamente como define os outros, como “esquisito” (IV), como se a imagem paterna fosse um outro qualquer, com a definição igual a de todas as outras pessoas, esquisitas. A imagem materna define-a como uma figura mística e quatro personalidades diferentes, parecendo existir uma certa incompreensão da mãe para com ela, e do que ela representa para ele. Fazendo-nos pensar que se a imagem do pai é esquisita a da mãe ao ser uma figura mística, e a ter quatro personalidades também o será, evidenciando a ideia do pai ser um prolongamento desta mãe.

A tonalidade fálica é vista pelo José como esquisita (VI) inquietante e desagradável. O valor dos determinantes formais é elevado, o que parece fazer sobressair uma rigidez dos mecanismos de defesa que suporta, utilizando a realidade exterior para evitar a expressão alimentada pelas pressões pulsionais e fantasmáticas, salientando a existência de uma adaptação superficial e rígida. Fazendo-nos parecer a existência de uma carapaça social utilizada como defesa.

## 9. Discussão

Tendo por base a literatura atrás mencionada, sabe-se que o negativo da cena primitiva e da castração, é o fantasma do pai pedófilo, a criança é confrontada com o prazer enigmático dos adultos, colocando-se em posição central, objecto de fascínio e de desejo, proprietário (passivo), do amor de um pai que se desinforma não somente da mãe, como também, do feminino. A origem da emergência do desejo, não se inscreve mais na diferença de sexos mas na diferença de gerações que mantém o casal activo / passivo a investir no mesmo (Chabert, 1993).

O tipo mais comum do pedófilo é o indivíduo imaturo, que em certo momento, descobre que obtém com crianças níveis de satisfação sexual, que não são possíveis de alcançar de outra forma (Serafim, 2008), contudo estes indivíduos poderão nunca sair da fantasia, e nunca ser descobertos, o que não ocorreu com os nossos sujeitos. A satisfação sexual dos pedófilos é relativamente rara, marcada por experiências decepcionantes e pesadas de culpa, registadas como episódios secretos para o mundo dos outros e mantidos numa zona marginal da sua própria existência pessoal (Félix, 2003). Esta vida à margem da sociedade está muito pautada no Carlos e no José, o Carlos esteve apenas casado um ano, e depois o isolamento foi a melhor forma para viver que ele encontrou, parecendo-nos que quer no decorrer de todo o protocolo, quer no decorrer da sua vida, Carlos indica que “*procura dar um sentido*”, neste caso nos cartões, mas à medida que existe um encadeamento de respostas parece que ele se esquece deste sentido, e se instala a confusão, o que também nos parece que tenha ocorrido na sua vida. Por sua vez o José, casou-se porque “*estava na idade de casar*”, depois voltou a casar-se, sem que existam relações sexuais, verificou-se que a tonalidade fálica é vista pelo José como esquisita inquietante e desagradável, José acabou por viver alicerçado na religião. Ou seja, os dois muito marcados por experiências decepcionantes, e por esse motivo acabam por viver à margem de uma sociedade dita “normal”.

Apesar dos crimes do Carlos e do José serem muito semelhantes, e os sujeitos aparentemente também o serem, ao longo do processo de resposta Rorschach verificou-se, que apesar de ambos terem culminado no mesmo crime os processos a eles subjacentes são diferentes. Para constarmos estes processos discutiremos a par e passo os nossos objectivos que são os pilares centrais de todo o processo que decorre na pedofilia.

É sabido que a *identificação* intervém como processo fundamental na formação do Eu, do super-Eu e do ideal do Eu, do carácter, e da identidade. Sendo por sua vez, uma constante no inter-jogo contínuo, da relação entre sujeito e objecto. Tal como defendeu Freud, constitui a

forma mais primitiva de ligação afectiva a outra pessoa (Grinberg, 2001), e é neste ponto que se verificou uma maior diferença entre o José e o Carlos, as identificações efectuadas pelo Carlos são preponderantemente de má qualidade formal, parecendo inseri-lo num “mundo só dele”, por sua vez as identificações pelo José efectuadas, na sua maioria, são mais adequadas, ou seja, com uma melhor qualidade formal, melhor inseridas no que é estabelecido como “normal” .

No Carlos está muito patente a ideia de Glasser (1986), que afirma que o *perverso não faz verdadeiras identificações*, o processo de internalização do objecto e a sua integração na representação de si, é percebido como qualquer coisa de invasivo, e intrusivo suscitando mais angústia de aniquilamento (citado Gijseghem, Tardif, 1999), pois fez-nos parecer que tudo o que ele via nos cartões, era por ele sentido como algo intrusivo e desagradável, e ele fazia questão de o mostrar não só pelas respostas por ele dadas como pela forma de reagir aos cartões, essencialmente ao aperceber-se da existência de um outro, da existência de relação que o pareceu perturbar, no caso do José a relação é abordada, o outro é visto, contudo como algo desagradável, como algo que ele não consegue perceber. É sabido que a formação da identidade principia, quando acabam as identificações do passado (Erickson, 1956; citado por Cordeiro, 1988), logo se as identificações do passado parecem não ter terminado, quando irá ocorrer a formação da identidade, pois nestes sujeitos esta aparece-nos muito difusa, confusa, à margem do que se possa considerar como “normal”.

Freud (citado por Haesevoets, 2003), defende que “o ponto mais precioso do sistema narcísico, esta imortalidade do Eu que a realidade deita por terra, encontrou um ponto seguro refugiando-se na criança. O amor dos pais não é mais do que o seu narcisismo que renasce metaforicamente”. O abusador projecta assim o seu *narcisismo* invasor sobre a criança, para a entorpecer numa imortalidade toda - poderosa (Haesevoets, 2003), esta ideia de Freud parece-nos estar patente no protocolo do Carlos, quando este se sente descontente com o seu corpo, indicando como já referimos que “*sinto que o meu corpo envelhece mais rápido que a minha mente*”, fazendo-nos parecer que a mente se mantém como a das crianças por ele abusadas, em que vai buscar à criança, a juventude que ele desejaria ter. Ou seja, através de uma certa identificação com a criança, os pedófilos buscam o retorno á sua experiência primitiva, ao tempo diluído da novidade perene, e da sexualidade florescente (Félix, 2003).

É sabido que uma pulsão sexual infantil componente (ou parcial), anal, oral, etc., funciona como uma defesa contra um conflito neurótico subjacente, ou seja, o complexo de Édipo não resolvido. Este conceito, ao enfatizar a centralidade da ansiedade de castração e o complexo de Édipo na etiologia da perversão, considera a perversão como uma defesa (Kernberg, 1945). A *centralidade deste Édipo* está também muito patente nestes sujeitos e ligada às questões dos

conteúdos das suas respostas ao Rorschach e dos objectos externos que eles visualizaram. Como é sabido a “perversão é uma patologia objectal que funciona como ecrã contra a morte e a loucura (a psicose) “ (Haesevoets, 2003), parecendo-nos que esta perversão sustenta essencialmente o Carlos, quase como que o suporta para que ele não descompense numa psicose. Ligado ainda com a ideia da mutação do corpo por ele abordada, faz-nos pensar, que como acima indicamos esta mente ficou como a das crianças, o que suporta este corpo que envelhece, e que para ele não se coaduna com a mente, em que isto é como Alice nos Pais das Maravilhas, o corpo altera-se, mas ela mantém-se sendo esta uma característica da psicose.

Verifica-se que existe nestes indivíduos, uma *noção de espelho*, ou seja, a diferenciação eu - outro não está constituída. O objecto não é mais conhecido como vindo do exterior, o sujeito instaura-se nele, mesmo na correcção da sua experiência de vida (Roussillon, 1993). A *negação das diferenças entre sexos e gerações* e a idealização da componente pulsional pré-genital do perverso são acompanhados de cisão, que permite, ao mesmo tempo, um reconhecimento persistente da realidade (Kernberg, 1945), de acordo com esta organização particular da personalidade, o pedófilo recusa implicitamente reconhecer a diferença dos sexos e das gerações. Recusa assim a castração e o seu objecto (Haesevoets, 2003). Nestes protocolos não se verificou qualquer indicação quer à diferenciação sexual, quer à diferenciação de gerações. Ou seja, assim como as capacidades genitais que não possui. Quando a criança é obrigada a reconhecer a diferença de sexos na sua complementaridade genital, vê-se ao mesmo tempo obrigada a reconhecer a diferença de gerações. Isto constitui uma ferida narcísica dolorosa (Chausseguet-Smirgel, 1988), que se presume existir tanto no Carlos como no José. Tal como buscam a juventude perene das crianças também nos parece que este carácter ficou tal como o das crianças, tanto o Carlos como o José não reconhecem a diferença de sexos nem de gerações, o que constitui esta ferida narcísica.

Ao chegarmos ao cerne da nossa questão e da *identificação ao paterno*, é sabido que segundo a literatura, denota-se a existência de uma imago materna fálica, potente, e ambissexual, e o pai um prolongamento desta (Balier, 1992), para colmatar existe a ideia de que o pai está ausente ou é denegrado pela própria mãe (Haesevoets, 2003). Parecendo verificar-se uma ausência da figura paterna. (Ody, Smadja, 1985), A função paterna permite a triangulação no psiquismo, e depois a diferenciação numa unidade separada. Esta especificidade, está ligada á diferença entre sexos, e á proibição do incesto, que rege as sociedades humanas (Ody, Smadja, 1985), esta ideia é central nos protocolos dos nossos sujeitos, a ausência do pai, quer física, quer afectivamente. No caso do Carlos nada refere do pai, e no do José indica-nos na entrevista que ele foi para um país estrangeiro e lá constituiu nova família; e as mães que nada fizeram para trazer estes pais ausentes

fisicamente à vida destes sujeitos, provavelmente para que não se quebrasse este laço simbiótico entre eles existente, são questões que nos parecem muito “vivas” ao longo destes protocolos.

Ao identificarem-se ao paterno, no Rorschach, verificamos figuras desagradáveis e desconfortantes (segundo o discurso dos próprios), bem como esta ideia de uma mãe muito presente, poder-se-ia dizer que existirá uma relação simbiótica entre os mesmos, o futuro pedófilo será marcado por uma longa e profunda fusão com a mãe, de tal forma que o processo de separação/individuação ficará comprometido (Glasser, 1986; Socarides, 1979), contudo, esta ideia verifica-se preponderantemente no Carlos, pois o José evitou-a até ao fim dos cartões, mas no último cartão pareceu-nos não aguentar mais e acabar por mostrar-nos um desejo de retorno ao ventre materno. Freud vai ligar a *angústia de castração* à angústia de não poder retornar ao corpo materno e, na carta 1924, já liga o desejo de retorno ao seio da mãe ao desejo de incesto. (Chausseguet-Smirgel, 1988). É esta fuga do desejo de retorno ao ventre materno que o José foge ao longo de todo o protocolo, o que no protocolo do Carlos está mais saliente, então e de acordo com Freud poderá verificar-se uma angústia de castração, contudo, posteriormente Freud reformula e liga este desejo de retorno ao ventre materno, ao incesto, sendo o pai a realidade, mas nestes sujeitos não existe pai, ou seja, poderá não existir uma realidade. Verificando-se assim que tanto no Carlos como no José a ideia de uma mãe potente, e o pai como um prolongamento desta, está muito presente. Por sua vez Chabert (1997/1998) indica-nos que a angústia de castração está associada ao fantasma que constitui nas teorias sexuais infantis, uma tentativa de resposta ao enigma posto à criança pela diferença anatômica de sexos, seria esta angústia que iria possibilitar a criança fazer esta diferenciação bem como precipitaria a formação do Superego, tendo em conta a Chabert e o Freud, o que poderíamos dizer relativamente ao Carlos e ao José é que o que poderia existir, seria apenas um “esboço” desta angústia, pois não se verifica diferenciação anatômica dos sexos, o que nos leva a concluir que não existe angústia de castração efectiva nestes indivíduos.

## **10. Conclusão**

### ***O que pretendíamos...***

O que pretendíamos salientar deste trabalho, é o percurso efectuado pelos sujeitos ao longo do processo de resposta Rorschach, em que queríamos verificar os processos por eles utilizados, na identificação à imagem paterna.

Procuramos sempre conceber a situação Rorschach e o processo – resposta, como um processo de construção, e de constituição de sentido, onde operam a significação e a simbolização.

Esta nova forma de conceptualização do Rorschach, privilegia não o acesso a um diagnóstico, mas sim a descrição e a compreensão do funcionamento psíquico do sujeito. Nunca nos interessou a procura do estabelecimento de um diagnóstico, mas sim a descrição e a compreensão dos processos psíquicos do sujeito.

Para a realização deste trabalho tivemos algumas dificuldades com a literatura. Utilizamos como ponto de partida alguns estudos efectuados na área, que são poucos, e nenhum deles abordava a relação com o paterno nestes sujeitos. Tivemos então que efectuar o cruzamento de ideias, autores e teorias para aqui chegarmos. Após encontrarmos a teoria, e a metodologia a utilizar, partimos para a procura de um pai nos pedófilos. Pai este de que apenas encontramos a sua ausência, e os poucos resquícios da sua presença existentes nestes sujeitos, são desconfortantes.

### ***Os sujeitos...***

O paterno, as identificações, a angústia de castração, o feminino, o masculino, o materno, foram os constructos que procuramos identificar nos protocolos.

O Carlos é um sujeito aparentemente calmo, cooperante, mas que ao defrontar-se com o Rorschach, deixa cair o pano e revela uma perturbação inquietante. Mostra ser um homem em que tudo é disfuncional, as identificações, o feminino e o masculino, que não faz a distinção, com uma mãe simbiótica. O outro não existe para ele, e se o outro não existe, ainda menos existirá a

relação. A imagem de si, e dos outros é desadequada, um homem em que a perversão o parece suportar e o ajuda a viver aparentemente de forma adequada em sociedade.

O José, um sujeito muito cooperante, mas ao longo do seu discurso mostrou-nos que a sua vida foi toda ela de afastamento. A imagem que José tem de si e dos outros, está mais adequadamente inserida na realidade, em que as identificações são efectuadas de uma forma mais equilibrada. Ao defrontar-se com o Rorschach José foge a todo o custo não só da imagem paterna como da materna. Contudo, e apesar de todo o esforço, acabou por deixar cair esta capa, e mostrou-nos esta simbiose com a mãe. Os outros existem, mas não têm diferenciação sexual, os outros existem mas não têm diferenciação de idades, os outros existem, mas ele afasta-se a todo o custo destes outros e da relação que o perturba.

Tanto para o Carlos como para o José, a figura paterna, figura esta que é central no nosso trabalho é somente, confusão. Confusão esta não só por eles sentida, como por eles vivida ao longo das suas vidas.

### *As questões...*

Ao longo do estudo levantamos algumas questões. Algumas das questões que nos foram surgindo e que poderiam servir como base para futuros estudos, estão essencialmente ligados com o complexo de Édipo. Ou seja, primeiramente com a questão de que se foi o Édipo que foi mal resolvido, ou se não chegou a despoletar-se? Depois após chegar-se aqui e perceber-se que é pelo facto de este, não ser bem resolvido ou de não existir que se mantém a simbiose com a mãe, que não se operam identificações secundárias, o que leva a que não exista modelos de identificações e não se opere nem a diferença de sexos nem de gerações, o que vai desembocar na pedofilia. A questão será: A base da pedofilia resume-se ao Édipo? Ou seja, se este fosse devidamente resolvido não haveria pedofilia?

### *As limitações... e para terminar...*

Quanto às limitações, a grande limitação remete para o facto de estes sujeitos terem abusado de meninas, e por essa razão não serem considerados como “pedófilos puros”, contudo e como conclusão da conclusão parece-nos que o Carlos e o José preencheram na totalidade os “requisitos” (isto porque se atendermos à ideia de Freud poderemos dizer que apesar de “mascarada” verifica-se tanto no Carlos como no José uma angústia de castração, contudo a diferenciação anatómica de sexos não existe, isto porque não existe a angústia de castração que além de possibilitar esta diferenciação anatómica dos sexos, vai precipitar a formação do superego), que a literatura nos indicava relativamente a este crime, e aos sujeitos que cometeram este crime, e a esta ligação (ou ausência dela) com um pai, que não existe...

## Referências:

- Abreu, I. (2005). Delitos sexuais Monografia de final de curso. Tirado em [www.psicologos.com.pt](http://www.psicologos.com.pt)
- Afonso, J.A. (2007) Masculino e Feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. *Análise Psicológica* 3 (XXV) 331-342
- Albernhc, T. (1997). *Criminologie et Psychiatrie*. Paris: Ellipses 5ªEd.
- Alvim, F., (1983) Perversion, Image du corps et Fonctionnement du surmoi. *Reveu Français de Psychanalyse* (47) 1 283-290
- Ames, N. A., Houston, D. A. (1990) *Legal, social and biological definitions of pedophilia*. Archives of sexual behaviour
- Assoun, P., L., (1989). *Pere : methaphore paternelle et fonctions du pere : l'interdit, la filiation, la transmission*. Paris : Denoel
- Balier, C., (1992). Psychopathologie Des Auteurs De Délits Sexuels Concernant Les Enfants. In : *Enfants Victimes D'abus Sexuels* Paris : Puf
- Balier, C. (2000) *Agressions Sexuelles: Pathologies, Suivis Therapeutiques et Cadre Judiciaire*. Paris: Masson
- Bril, J. (1993) Préhistoire et Pédophilie. *Revue Française de Psychanalyse* (2) 527-533
- Chabert, C. (1997/1998) *O Rorschach na Clínica do Adulto*. Lisboa: Climepsi
- Chabert, C. (1993). Mon pere prefere les blonds. In *Reveu Française de Psychanalyse* 57 (2) 329-341

- Chapelle, S., Chatelle, N., Becker, E., (2008). L'enfant et le pédophile. *L'évolution Psychiatrique* (73) 319-330
- Chasseguet-Smirgel, J. (1988). *As duas árvores do jardim : ensaios psicanalíticos sobre o papel do pai e da mãe no psiquismo*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Coimbra de Matos, A. (1981). O Normal e o Patológico na Adolescência. *Revista Portuguesa de Pediatria*, 12 73-77
- Coimbra de Matos, A.(2007) *Vária: Existo Porque Fui Amado*. Lisboa: Climepsi
- Cordeiro, D. (1988). *Adolescentes por dentro*. Lisboa : Salamandra
- Denis, P. (1993) Fantômes Originaires et fantasme de la pédophilie paternelle. *Revue Française de Psychanalyse* 2/1993 607-612
- Dias, C. A. (1988). *Para uma psicanálise da relação*. Porto: Afrontamento
- DSM-IV-TR 2006, Lisboa: Climepsi
- Duque, C., (2004). Parafilias e Crimes Sexuais in : *Psiquiatria Forense* Ed : Taborda, J ; Chalub, M. ; Abdalla-Filho, E. São Paulo : Artes Médicas
- Dufour-Gompers, R., (1992). *Dictionnaire de la Violence et du Crime*. Paris: Colbo
- Félix, J., (2003) Pedofilia. Brevíssimo Perfil do Mistério de Laius. *Quero :Psicologia da sexualidade* Coimbra. Quarteto
- Fenichel, O. (1978). “Une somme”. *Identification et Identité* 135-155
- Fernandes, M., J., (1990). Colóquio Internacional sobre Criminalidade e Cultura. Actas do Colóquio Internacional Organizado pela Associação Mundial de Psiquiatria e Psicologia Forense e pelo Centro de Estudo Judiciários. Cadernos do CEJ Vol.1 Lisboa : CEJ



- Fernandes, M.J. (1992) *Abuso sexual infantil*. CEJ (Ed). Criminalidade e cultura: Lisboa
- Freud, S. (1950/1969 a). *Totem e Tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Freud, S. (1939/1969 b). *Moisés e o Monoteísmo. Esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança*. Artes Médicas: Porto Alegre
- Glasser, M. (1986). Identification and its vicissitudes as observed in the perversions. *International Journal of psycho-analysis* 67 9-17
- Greenacre, P., (1953). Perversions. *Psychoanalytic study of the child*, 23, 47-62
- Green, A. (1990) – *Conferencias Brasileiras de André Green. Metapsicologia dos Limites* Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Gijsegheem, H., Tardif, M. (1999). La Perception des Figures Parentales et Pédophiles Hétérosexuels et Homosexuels: Réalité factuelle ou virtuelle. *Bulletin de Psychologie* (52) 597-604
- Grinberg, L. (2001). *Teoria da Identificação*. Lisboa: Climepsi
- Haesevoets, Y.H., (2003). *L'enfant victime d'incest: de la seduction traumatique à la sexuelle*. Bruxells: De Boeck Université
- Jacobson, E., (1964). *The Self and Object World*. New York: International University Press.
- Lacan, J. (1981). *A família*. 2ª Ed. Lisboa: Assírio & Alvim
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1967/1970). [Vocabulário de psicanálise](#). Lisboa: Moraes editores. (Tradução do original em Francês Vocabulaire de la Psychanalyse. Paris: Universitaires de France, 1967).




- Lebovici, S., Soulé, M., Diatkine, K., (1985) *Nouveau Traité de Psychiatrie de L'Enfant e de L'Adolescent IV*. Paris Presses Universitaires de France
- Limentani, A., (1991). Neglected Fathers in the Aetiology and Treatment of Sexual Deviations. *Internation Journal of Psycho-analysis*, 72 573-584
- Mahler, M., S., Pine, F., Bergman, A., (1975). *The Psychological Birth of the Human Infant*. New York: Basic Books.
- Malpique, C., (1984). *Ausência do Pai. Estudo Sociopsicologico*. Porto: Afrontamento
- Marques, M. E., (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi
- Marques, M. E., (1992). O Rorschach como processo de transformação: Importância desta noção para a caracterização do processo adolescente, in *Comunicação apresentada no VIII Congresso Latino-Americano de Rorschach* Campo Grande, Brasil.
- Nickçès- Cherki, C., Dubec, M., (1992). *Crimes et Sentiments*. Paris : Éditions du Seuil
- Ody, M., Smadja, C., (1985) *Nouveau Traité de Psychiatrie de L'Enfant e de L'Adolescent IV*. Ed : Lebovici, S., Soulé, M., Diatkine, K., Paris : Presses Universitaires de France
- Rey, G. (2000). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia, Caminhos e Desafios*. São Paulo: Thomson Learning Lda.
- Ribeiro, J.,L., (2007) *Metodologia de Investigação em psicologia da saúde*. Porto: Legis
- Roiphe, H., Galenson, E., (1987). Pre-oedipal roots of perversion. *Psychoanalytic inquiry*, 7 .
- Roussillon, R. (1993) Séduction et altérité interne. *Revue Française de Psychanalyse* (2) 343 – 348
- Sá, E. (1995) *Más maneiras de sermos bons pais*. Lisboa: Fim de Século




- Saraiva, M., L., T., (1999). *A Fome Necessária* Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
Dissertação de Mestrado
- Serafim, A., (2008). Pedofilia: da fantasia ao comportamento sexual violento artigo consultado no  
scholar google em 7-02-09
- Silverman, M., A., (1986). Identification in Healthy and Pathological Character Formation.  
*International Journal of psycho-analysis* 31 (6) 181-191
- Socarides, C., W., (1979). *A Unitary Theory of sexual perversions*. Eds: Karash, T., B.; Socarides, C.,  
W., New York: International University Press.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In Denzin, N., Lincoln, Y., *Handbook of Qualitative Research*.  
London: SAGE
- Stoller, R. (1968). Further contribution to study of gender identity. *International Journal Of Psycho-  
analysis*. - Vol. 49, nº 2/3 (1968), p. 364-368
- Teixeira, J., A., (2002). Notas sobre o processo de identidade sexual. *Revista Portuguesa de Psicanálise*  
23 139-158
- Trochim, O.F. (1945). *Research methods: Knowledge base*. Cincinnati: Atomic Dog
- Kernberg, O., F., (1945) *Agressão nos Transtornos de Personalidade nas Perversões*. Porto Alegre: Artes  
Médicas
- Kernberg, O., (1989). *Psicologia Masculina: Novas perspectivas psicanalíticas* Porto Alegre: Artes  
Médicas



# ANEXO 1

## Protocolo Carlos

	Respostas	Inquérito	Cotação
<b>Cartão I</b> 	<p>A mim parece-me... Sei lá. Possivelmente...</p> <p>/\ 1) É perfeitamente simétrico, como se fosse as asas de uma borboleta.</p>	<p>O corpo (D central) e as asas (D laterais)</p>	<p>1) G F+ A Ban Obs. Simetria</p>
<b>Cartão II</b> 	<p>30'' / 2) Uma entrada de um túnel. É a minha imaginação. Pode ser... Sei lá... / Não sei o que me lembra mais, é abstracto.</p>	<p>Túnel (Dbl), entrada do caminho ou saída.</p> <p>R.A.: Insecto (D verm inf). Também tem simetria. (R. A.: D F± A)</p>	<p>2) Dbl F+ Nat</p>
<b>Cartão III</b>	10''		

	<p>V</p> <p>3) Pressupõem de novo um insecto embora incompleto. Ainda que incompleto, eu podia completar.</p>	<p>Olhos (D verm sup), as tenazes (D inf).</p>	<p>3) Gbl F± Ad</p>
<p><b>Cartão IV</b></p> 	<p>2''</p> <p>O que é que isto me parece... Não faço ideia.</p> <p>/\</p> <p>4) Um Raio X de qualquer coisa. Sei lá, não sei o quê.</p> <p>5) O negativo de uma foto, qualquer coisa muito difusa</p>	<p>R.A.: Um tronco, coluna (D central), ombros (D sup lateral), sem cabeça. (R.A.: G F- Hd)</p>	<p>4) G EF Rad</p> <p>5) G EF Foto</p>
<p><b>Cartão V</b></p> 	<p>/\</p> <p>6) Ah! Esta parece-me mais uma borboleta. As asas também são</p>	<p>Borboleta no todo embora um pouco estilizada.</p>	<p>6) G F+ A Ban Obs. Simetria</p>

	<p>simétricas.</p> <p>/\  Dentro de um  desenho qualquer  podia ser isso</p>		
<p><b>Cartão VI</b></p> 	<p>Não sei (vira o  cartão várias vezes).  Procuro dar um  sentido...  /  7) Faz-me lembrar a  pele de um animal  esfolado, pele  arrancada e colocada  a secar.</p>	<p>Vejo uma pele a  secar (só na parte  central), a cauda (D  sup).</p>	<p>7) G EF A Ban</p>
<p><b>Cartão VII</b></p> 	<p>(vira várias vezes o  cartão)  /  8) O mais  interessante é a  imagem que está por  dentro. É o  contorno interior  que podia ser o  contorno de uma  silhueta, como se  fosse uma cabeça.</p>	<p>Cabeça (Dbl central)</p>	<p>8) Dbl F- Hd</p>
<p><b>Cartão VIII</b></p> 	<p>Não sei o que isto  me parece.  V  9) Sei lá, um</p>		

	<p>diagrama qualquer coisa incompleta.</p> <p>/\</p> <p>10) Para além da simetria perfeita é como se fossem três peças distintas que não encaixam.</p> <p>11) Busto e o resto é confusão, o resto não faz sentido, é puramente abstracto.</p>		<p>9) G F± Abst</p> <p>10) G F± Obj Obs. Simetria</p> <p>11) D F- Hd</p>
<p><b>Cartão IX</b></p> 	<p>V</p> <p>12) Para mim a imagem mais adequada é a de uma flor.</p>	<p>As pétalas (verde) e o cálice (D laranja e central superior).</p> <p>A parte de baixo para mim não tem sentido.</p>	<p>12) D F- Nat</p>
<p><b>Cartão X</b></p> 	<p>14''</p> <p>13) Parece-me um pouco os desenhos que alguns fazem, quase abstractos.</p> <p>Não faço a mínima</p>		<p>13) G F± Desenho</p>

	<p>ideia. Pode ser tanta coisa.</p> <p>/\</p> <p>Qualquer coisa para mim incompleta que tem que ser preenchido.</p> <p>14) (cartão de lado) se esquecer a simetria, porque isto é simétrico parece-me um pedaço de natureza</p> <p>15) Um vaso, uma folhagem, qualquer coisa que nasce.</p> <p>V</p> <p>16) Se eu esquecer isto e vir este bocado em cima para quem acredita nessas coisas, pode ser um anjo a descer.</p> <p>/\</p> <p>17) Uma peça mecânica, não sei. É difuso e incompleto</p>	<p>Ao tapar qualquer um dos lados simétricos do cartão, por causa das multicores, qualquer coisa a nascer daqui (D lat inf. Metade da mancha).</p> <p>As asas (D verde inf)</p>	<p>14) G F± Nat Obs. Simetria</p> <p>15) D bl Kob Nat</p> <p>16) D K (H)</p> <p>17) D F ± Obj</p>
--	--	---	---

		Peça mecânica (D cinza sup)	
--	--	--------------------------------	--

**Escolhas:**

Escolha +

IX – Foi o que me fez sentido logo de imediato também por estar de acordo com a pintura que eu gosto de pintar, era capaz de completar a partir daqui. Até mesmo pelas cores que encaixam, o que me atrai, a ideia de forma adequada.

Escolha –

VI – Porque me transportou para cenas vividas, criou saudade, até consigo ver onde estava.

X – É uma panóplia de cores, são todos simétricos é o que me cria mais perplexidade, é como se fosse um desenho incompleto.

## ANEXO 2

### Psicograma Carlos

R - 17	G - 10		F <sup>+</sup> - 3	F% - 70,59%
	D - 4	∑F - 12	F <sup>-</sup> - 3	F+% - 53,84%
	Dd - 0		F <sup>+/-</sup> - 6	
	Dbl - 3			
	Do - 0			

K - 1	A - 4		A% - 29,41%
Kp - 0	Ad - 1		
kan - 0	H - 0		H% - 0
kob - 1	Hd - 2		

FC - 0	Nat - 4		
CF - 0	Rad - 1		
C - 0	Foto - 1		Ban - 2
	Abstr. - 1		
FE - 1	Obj. - 2		
EF - 3	Desenho - 1		
E - 0	(H) - 1		

T.A.: G D Dd Dbl

— —  
— —

Obs. Simetria - 4






T.R.I.             $1K > 0C \rightarrow$  Intratensivo Puro





F. Compl.         $1K < 3E \rightarrow$  Extratensivo Misto


R.C.% - 52,94%

## ANEXO 3

### Protocolo José

	Respostas	Inquérito	Cotação
<b>Cartão I</b> 	1) Uma borboleta		1) G F+ A Ban
<b>Cartão II</b> 	Aparentemente seria uma coisa igual.  2) A bacia	Na parte escura. R.A.: Ou visto de cima a nossa coluna (R.A.: D F- Anat)	2) D F- Anat
<b>Cartão III</b> 	3) Como estive em África, a pintura de duas pessoas a tocar batuque		3) G K H Ban
<b>Cartão IV</b> 	Imagem esquisita  4) A pele de um animal aberta		Com. Subj. 4) G F+ A
<b>Cartão V</b> 	5) Diria talvez um morcego		5) G F+ A Ban

<p><b>Cartão VI</b></p> 	<p>6) Talvez um insecto esquisito</p>	<p>A boca (D sup), o pescoço por baixo e as saliências, os membros superiores e inferiores</p>	<p>6) G F- A</p>
<p><b>Cartão VII</b></p> 	<p>7) Uma figura mística dá a ideia disso</p> <p>8) Quatro personalidades diferentes que assentam numa base</p>	<p>As duas personalidades de cima são convergentes e as duas logo abaixo são divergentes</p>	<p>7) G F± (H)</p> <p>8) D F± H</p>
<p><b>Cartão VIII</b></p> 	<p>(de lado)</p> <p>9) Um animal selvagem visto sobre um espelho</p>	<p>(D rosa lateral). No livro do Testemunho de Geová é ilustrado e tem lá uma imagem deste tipo.</p>	<p>9) D F+ A Ban</p>
<p><b>Cartão IX</b></p> 	<p>É mesmo esquisita. Não sei o que atribuir a isto. Não sei, esta fica assim.</p>	<p>R.A.: Uma figura esquisita voltada</p>	<p>Recusa</p>

		uma para a outra, mas separadas. (R.A.: G F± H)	
<b>Cartão X</b> 	Esta também é esquisita. 10) É um crustáceo, não é mais do que isso.	D azul lateral.  R.A.: Duas figuras esquisitas (D preto sup)  (R.A.: D F± A)	10) D F+ A

### Escolhas:

#### Escolhas Positivas:

- *Cartão VIII* → Porque me faz lembrar o livro da bíblia.
- *Cartão III* → Pinturas Africanas.

#### Escolhas Negativas:

- *Cartão IV e VI* → Pela configuração. Não aprecio qualquer um dos dois.

# ANEXO 4

## Psicograma José

R - 10	G - 6	F+ - 5	F% - 90%
	D - 4	$\sum F - 9$ F- - 2	F+% - 66,67%
	Dd - 0	F+- - 2	
	Dbl - 0		
	Do - 0		
		K - 1	A - 6
		Kp - 0	Ad - 0
		kan - 0	H - 2
		kob - 0	Hd - 0
		FC - 0	Anat - 1
		CF - 0	(H) - 1
		C - 0	Ban - 4
		FE - 0	
		EF - 0	
		E - 0	

T.A.: G D Dd Dbl

—  
—

T.R.I.             $1K > 0C \rightarrow$  Intratensivo misto

F. Compl.       $0k/0E \rightarrow$  Coartado puro

R.C.% - 30%